

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

261

Mês: Novembro

Ano: 2020

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:

www.jornaldeletras.com.br



Personalidade do ano

A pneumologista Margareth Dalcolmo, pioneira no tratamento de pacientes de Covid-19 no Brasil, foi a vencedora do Prêmio Yedda Maria Teixeira, na categoria Personalidade do Ano. A premiação, uma iniciativa da Associação dos Embaixadores do Turismo no Rio de Janeiro, foi marcada para o dia 8 de novembro, de forma virtual, por meio da plataforma Zoom. Em entrevista ao acadêmico Arnaldo Niskier, a médica capixaba se mostra otimista em relação ao desenvolvimento de vacina em busca da prevenção ao novo coronavírus. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

J **Editorial**

Em momentos de crise, como é o caso da pandemia, há pessoas que se destacam pela qualidade dos seus serviços à causa pública. O nosso país, depois que tudo passar, como um dia vai acontecer, ficará devendo muito à ação da pesquisadora Margareth Dalcolmo, que presta serviços ao Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos). Os seus seguidos esclarecimentos, inclusive pela televisão, foram extremamente úteis para evitar o pânico da população, naturalmente assustada com o vulto provocado pelo vírus Covid-19. Vezes sem conta a Dra. Margareth, casada com o educador Cândido Mendes de Almeida, prestou contas dos esforços que estavam em curso para atenuar as proporções da crise sanitária, uma das mais sérias já vividas pelo nosso país. Por isso mesmo, fizemos questão de ouvi-la e colocar a sua opinião em nossas páginas, como fizemos neste número. Além de ser um serviço público de primeira ordem, é uma forma singela de prestar homenagem a uma pesquisadora de amplos méritos.

O editor.



O JORNAL DE LETRAS homenageia os acadêmicos aniversariantes de dezembro: Ana Maria Machado, que presidiu a ABL em 2012 e 2013, faz anos no dia 24, véspera do Natal. Já o atual presidente Marco Lucchesi sopra velinhas no dia 9 do próximo mês.

**J** **Expediente**

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

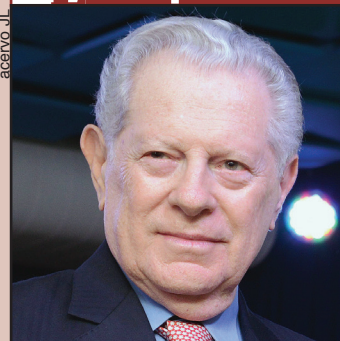
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

J **Opinião**

Arnaldo Niskier

**Amor à Matemática**

Quem conheceu o professor Bayard Demaria Boiteux, como foi o nosso caso, não pode deixar de reconhecer o seu profundo amor pela Matemática. Era com esse sentimento que ele lecionava Cálculo Vetorial e Geometria Analítica, na então Universidade do Distrito Federal (na altura dos anos 1950). Suas aulas eram muito apreciadas pelos alunos dos cursos de Matemática, Física e Química.

Na época, comenta-se que tinha um exemplar quadro-negro. Sabia distribuir a matéria, com os seus naturais mistérios, na chamada lousa, de tal forma que as questões complicadas acabavam se tornando mais simples. Isso ajudava os seus alunos a compreender melhor (e mais rápido) o significado da ciência do raciocínio.

Além disso, o mestre era uma figura extremamente simpática. Não havia quem não o admirasse. Por isso mesmo, foi com surpresa e desagrado que os seus alunos souberam da sua cassação, depois do movimento de 1964, por motivos políticos. Toda a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da qual ele era um expoente, se revoltou quando Bayard foi obrigado a deixar o magistério. O motivo foi puramente político. Ele era dirigente do Sindicato dos Professores.

Na época, eu estava completando o meu curso de Matemática. Numa determinada tarde, fui chamado à presença do diretor Ney Cidade Palmeiro, que já era desembargador, para uma conversa a sós. Passando a mão pelo meu ombro, o diretor fez o convite que mudou a minha vida: “Você não quer ser professor de Geometria Analítica, na vaga que pertenceu ao professor Bayard Boiteux?” Pensei na injustiça que autoridades federais haviam cometido contra o nosso querido professor, mas não tinha força para ir contra a realidade. Pensei duas vezes e aceitei o encargo, honrado pela oportunidade de seguir as lições de mestre Bayard. Foi o que tentei fazer durante alguns anos.

Mais tarde, na condição de secretário de Estado de Educação do Rio de Janeiro, tive uma oportunidade única: poderia, com uma canetada, devolver a matrícula ao meu estimado professor, que também atuava na rede pública de ensino. Assinei, com muito gosto, a sua volta ao magistério oficial. Poderia ter protelado a decisão, mas não quis que isso acontecesse. Já bastava a interrupção havida, que, no íntimo, era de uma arbitrariedade absurda.

Hoje, estou sendo homenageado pelo seu filho, de mesmo nome, com a outorga do Prêmio Yedda Maria Teixeira. É uma honraria que me faz lembrar a figura do mestre injustiçado.

“A gente foge da solidão quando tem medo dos próprios pensamentos.”

Érico Veríssimo

“Amai, porque nada melhor para a saúde que um amor correspondido.”

Vinicius de Moraes

A educação profissional vista por dentro

Por Roberto Boclin*

Quando vires um homem bom, tenta imitá-lo; quando vires um homem mau, examina-te a ti mesmo. (Confúcio)

Aqueles que lidam com a educação profissional em qualquer nível têm sempre presente o enfrentamento de desafios tendo em conta a natureza do modelo educativo adotado e as dificuldades próprias de aprendizagem dos jovens e adultos em busca de empregos imediatos.

Que conhecimentos são necessários definir e em que níveis para a formação de profissionais com atribuições distintas no arcabouço da organização empresarial?

Uma outra questão mais complexa relaciona-se com a exemplificação de condutas, comportamentos e atitudes que contemplem com êxito o processo formador do caráter, da identidade, da cidadania e da integridade dos concluintes.

Que meios poderão ser utilizados para informar com clareza o que vem a ser uma atitude ética, uma decisão coerente, uma resposta honesta a uma consulta? Que compromissos socioambientais devem os concluintes dos cursos assumir?

E as habilidades manipulativas ou mesmo o desenvolvimento do raciocínio lógico e da criatividade para trabalhadores qualificados, como conseguir resultados satisfatórios do desempenho dos alunos?

Na verdade, são desafios que a pedagogia enfrenta nem sempre com sucesso.

Técnicas de avaliação do desempenho requerem conceitos prévios sobre eficiência, produtividade e avaliação comparativa (*benchmarking*). Para tanto, é necessário definir e distinguir cada conceito.

Alguns autores conceituam a produtividade como a razão entre o que foi produzido e o que foi gasto para produzir. Outra definição para auxiliar nesse conceito é que a produtividade pode ser conceituada como a relação entre a quantidade de bens ou serviços gerados e a quantidade de recursos consumidos para gerá-los num mesmo período de tempo.

A eficiência é a comparação dos resultados alcançados com os recursos utilizados. Quanto mais resultados obtidos para uma determinada quantidade de recursos disponíveis maior a eficiência organizacional. Autores conceituam que a eficiência compara o que foi produzido, dado os recursos disponíveis, com o que poderia ter sido produzido com os mesmos recursos.

A avaliação comparativa (*benchmarking*) pode ser definida como um processo contínuo e sistemático utilizado para investigar o resultado (em termos de eficiência e eficácia) de unidades com processos e técnicas comuns de gestão. É um parâmetro de comparação entre o desempenho de empresas, processos, produtos, serviços e práticas.

É fundamental estabelecer as distinções que o processo educativo oferece e as que o mercado de trabalho demanda, além de promover o ajuste adequado para que se alcance o desempenho necessário dos entes sociais educação e trabalho.

As pesquisas de Allen & Richard, nos anos 1950, propiciaram a elaboração da fórmula da eficiência do trabalhador onde $E = r (H; C; A; P)$, onde H = Habilidades; C = Conhecimentos; A = Atitude; P = Curiosidade Científica para Pesquisa são atributos essenciais que conferem uma proposta que conduz à distribuição percentual do peso das participações a serem adotadas no referido ajuste.

O mercado de trabalho demanda qualidade pela via da eficiência, da produtividade, da avaliação comparativa (*Benchmarking*) e do compromisso socioambiental dos recursos humanos envolvidos.

O processo educativo oferece competências e certificação, em que devem ser observados os atributos essenciais para a concepção do processo formativo, a saber:

Os trabalhadores qualificados que representam 13% do mercado de trabalho se definem na fórmula de A&R com pesos percentuais de H = 50%; C = 30%; A = 20%, segundo pesquisas realizadas junto às empresas empregadoras.

Os técnicos de nível médio, que representam 6% do mercado de trabalho, apresentam-se na fórmula com H = 20%; C = 40%; A = 40%.

Os tecnólogos, 1 % do mercado de trabalho, com H = 10%; C = 50%; A = 40%.

Os profissionais de nível superior, 2% do mercado de trabalho com C = 70% e P = 30%.

Poder-se-ia classificar ainda os semiquualificados com 80% de H e 20% de A e os braçais com 90% de H e 10% de A.

Estabelecidos os perfis dos atributos, a concepção das competências passa pela educação básica, pela educação de jovens e adultos, presencial e a distância e pela educação profissional em cursos de iniciação profissional e de educação continuada para trabalhadores qualificados, semiquualificados e braçais associados a cursos técnicos para as habilitações técnicas.

O mesmo se dá com o ensino superior para os tecnólogos e profissionais de nível superior.

A organização dos currículos e do material didático obedecendo ao arranjo das competências e dos níveis de aprofundamento, os professores e instrutores sendo capacitados em programas de treinamento específico, as instalações (salas de aula, oficinas e laboratórios) construídas ou adaptadas às necessidades previamente identificadas, máquinas e equipamentos, as bibliotecas com acervos adequados e os ambientes para as atividades extraclasse, eis o projeto de uma educação profissional de qualidade com possibilidade de êxito em sua proposta.

Como apoio, ações de relacionamento com empresas para estágios durante e empregos ao final dos cursos, orientação profissional especializada e serviços informatizados de secretaria compõem o quadro administrativo desejável.

*Roberto Boclin é da Academia Brasileira de Educação.

O Pai

Por Luiz Coronel*

Nossa mão pequena
em sua mão,
semente no fruto
ou fruta em seu cacho.
Nossos brinquedos
cabiam
em seus sapatos.
O pai tem gestos brandos
e olhar incisivo.
Quando o pai sorri,
o sol se impõe
sobre a neblina.
O pai não teme a treva
nem os barulhos
do pátio.
Na ausência do pai,
as portas
têm trameças.
O pai é o pai.
O pão e o vinho
na cabeceira da mesa.
Com a camisa suada
regressa o pai
com seus humildes presentes.
Um dia nossas mãos
sustentam o corpo do pai
que viaja sem malas
ou regresso.
Só nos resta
tomar a mão de nossos filhos
e seguir
a trilha curva do tempo.

*Luiz Coronel é escritor, compositor e publicitário gaúcho, nascido em Bagé, em 16 de julho de 1938.

● **POR CONTA** da pandemia, a 18ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) acontecerá, pela primeira vez, no formato virtual. Entre os dias 3 e 6 de dezembro, a programação será transmitida ao vivo, numa plataforma própria e nas redes sociais do evento.

● **O INEDITISMO** é a marca do número 6, da revista *Ímã*, idealizada pela jornalista Sandra Medeiros. Com gravuras oníricas de um dos maiores ilustradores brasileiros, Rubem Grilo, a publicação traz textos de nomes como Carlos Drummond de Andrade, Armando de Freitas Filho, Ivan Junqueira e Reinaldo Santos Neves, entre outros craques.

● **ESTUDOS EM** homenagem ao professor Aurélio Wander Bastos é o nome da biografia construída a partir de pesquisa documental sobre os 50 anos de carreira jurídica e magistério de um dos mais proeminentes juristas brasileiros.

● **LET US DREAM**, ainda sem título definitivo em português, escrito pelo Papa Francisco, será lançado no Brasil pela Intrínseca, no dia 1º de dezembro, mesma data prevista para a publicação americana. Na obra, o pontífice faz reflexões sobre o enfrentamento da pandemia.

● **O SEGUNDO** volume de *Escravidão*, de Laurentino Gomes, será lançado pela Globo Livros, em 2021.

● **JÁ É SUCESSO** a edição comemorativa lançada pela Editora Melhoramentos em comemoração aos 40 anos de *O Menino Maluquinho*, clássico da literatura infantojuvenil assinado por Ziraldo, com mais de 4 milhões de exemplares vendidos.

● **ESGOTADA** a primeira edição do livro *Os Mistérios do Casarão em Carapebus e a Fuga de Berlim*, de Marcos Bubach, presidente da Academia Cariaciquense de Letras. A Editora Semente Literária providencia nova publicação.

● **JÁ NÃO ME SINTO SÓ**, lançado pela Editora Planeta, marca a estreia da atriz Maria Flor na literatura.

● **EXIBINDO NOVA** habilidade artística, a atriz Carolina Dieckman assina as ilustrações do livro *Chapeuzinho Vermelho: o valor de um sorriso*, escrito pelo produtor Léo Fucs.

● **TODAS AS** entrevistas feitas pelo apresentador Luciano Huck com gente de prestígio na economia nacional e internacional serão reunidas em livro pela Editora Objetiva, com previsão de lançamento até o final deste ano.

● **ESCRITO POR** Ugo Braga, o livro *Guerra à Saúde – como o Palácio do Planalto transformou o Ministério da Saúde em inimigo número 1 no meio da maior pandemia do século XXI*, da Editora Leya, teve os direitos para a produção audiovisual comprados pelo cineasta Luís Eduardo Belmonte, o mesmo de *Carcereiros e Alemão*, entre outros.

● **A ENTREGA** dos prêmios do Concurso Cultural de Trovas e Poesias do Clube de Trovadores Capixabas, cujo tema do ano foi Felicidade, será durante o XV Congresso Brasileiro de Poetas Trovadores, no dia 04 de dezembro.

● **IDENTIDADE**, de Nella Larsen, escrito na década de 1920 e inédito no Brasil, foi lançado pela Editora Harper Collins, com tradução de Rogério Gallindo.

● **A COMPANHIA** das Letras promove a série Fronteiras do Pensamento, oferecendo palestras sobre literatura e cultura em sua plataforma digital. Até dezembro, oito conferencistas internacionais estão confirmados, entre eles Mia Couto, Andrew Solomon e Timothy Snyder.

● **AS EMISSORAS** de rádio e TV integrantes da rede do governo federal passaram a transmitir os jogos de futebol das três categorias do Brasileirão. Até mesmo a tradicional Voz do Brasil foi mobilizada para dar cobertura aos eventos do setor.

● **O AVESSE DA PELE**, do carioca Jeferson Tenório, lançado pela Companhia das Letras, trata de relações raciais e violência. O autor estreou na literatura com o romance *O Beijo na Parede*, em 2013, eleito o livro do ano pela Associação Gaúcha de Escritores.

● **UMA DAS** ensaístas e feministas mais relevantes da atualidade, Rebecca Solnit examina os principais temas que permeiam o debate contemporâneo do assédio sexual à crise climática, em *De Quem é essa História?*, traduzido no Brasil por Isa Lando.

● **AUTORIDADE** máxima no tema, o professor de política e economia da Universidade de Nova York Adam Przeworski lançou *Crises da Democracia*, onde examina a natureza da crise das democracias contemporâneas para tentar entender a explosão do populismo de perfil autoritário nos últimos tempos. A obra tem tradução de Berilo Vargas para a Editora Zahar.

● **EM UMA** investigação rigorosa, que o levou dos melhores hospitais dos Estados Unidos para centros de cura ao redor do mundo, inclusive

POLITICAMENTE INCORRETO



no Brasil, Jeffrey Rediger buscou entender como as pessoas se recuperam de doenças para as quais a ciência acreditava não existir tratamento. O resultado está no livro *A Ciência Revolucionária por Trás da Cura Espontânea*, em tradução de Guilherme Miranda para a Editora Fontanar.

● **DAS MESMAS** autoras de *Extraordinárias*, Aryane Cararo e Duda Porto de Souza, *Valentes*, lançada pela Editora Seguinte, é uma obra de referência sobre o tema do refúgio no Brasil. As ilustrações são de Rafaela Villela.

● **CANÇÕES DE ATORMENTAR**, de Angélica Freitas, é o terceiro livro da poeta gaúcha. Nascida em 1973, publicou *Rilke Shake*, em 2007, e *Um Útero é do Tamanho de um Punho*, em 2012 (Cosac Naify).

● **EM MEIO** à pandemia do novo coronavírus, surgiu mais uma bela iniciativa: o Instituto Cultural Vale, com um orçamento de mais de 100 milhões de reais voltados para o setor. Já somam quatro os espaços culturais próprios, mantidos pela empresa Vale do Rio Doce, no país: Minas Gerais, Espírito Santo, Maranhão e Pará.

● **BOA ECONOMIA PARA TEMPOS DIFÍCEIS** (Ed. Zahar), de Abhijit V. Banerjee e Esther Duflo, com tradução de Afonso Celso da Cunha Serra, apresenta uma síntese do que a melhor economia da atualidade tem a dizer sobre os desafios de nosso tempo.

● **ABUSO: A CULTURA** do estupro no Brasil, lançado pela Globo Livros, foi escrito ao longo de 4 anos de pesquisas e entrevistas da jornalista Ana Paula Araújo, nos intervalos de

sua rotina como apresentadora do Bom dia Brasil, da TV Globo.

● **PELA PRIMEIRA** vez no formato on-line, a Bienal do Livro de São Paulo será lançada em dezembro, com a perspectiva de atingir 1 milhão de pessoas inscritas. A última edição do evento registrou 600 mil visitantes.

● **DESDE JANEIRO** dirigido por Fabio Szwarcwald, o MAM do Rio de Janeiro pretende ampliar a visitação de 50 mil pessoas, em 2019, para 300 mil, em 2021. Várias atividades nos pilotis estão programadas.

● **A OBRA COMPLETA** do pernambucano Tunga, expoente da arte contemporânea brasileira, falecido em 2016, está sendo catalogada pelo Itaú Cultural. Uma bela exposição será montada em São Paulo, no próximo ano.

● **O LÍDER INDÍGENA** Ailton Krenak vai chegar às telas, em 2021. Seus dois livros, lançados pela Companhia das Letras – *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo* e *A Vida Não é Útil* – tiveram os direitos comprados pela RT Television.

● **COMO PARTE** das celebrações do centenário de sua fundação, a Academia Espírito-Santense de Letras vai instituir, em 2021, três concursos literários destinados à concessão de prêmios para autores nascidos ou moradores do Estado do Espírito Santo.

● **Por conta** da crise sanitária mundial, os famosos teatros da Broadway, paralisados desde março, têm reabertura prevista para janeiro.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Autorreflexão

“Sabrina é adepta da autorreflexão, o que certamente a ajuda diante das dificuldades do dia a dia.”

Perfeito! Além de cuidar da mente e do espírito, a língua portuguesa agradece a ortografia (grafia correta).

autorreflexão – quando o prefixo termina em vogal (auto) e a segunda palavra começa com R (reflexão), este R precisa ser duplicado. E mais: **dia a dia** não tem mais hífen.

Local perfeito

“O espaço recém concluído ficou muito bonito.”

É verdade, mas a forma “recém concluído” está errada, pois falta o hífen: **recém-concluído** – os nomes compostos cujo primeiro termo é **recém** exigem o hífen.

Frase correta: “O espaço **recém-concluído** ficou muito bonito.”

Pintura

“Qualquer pessoa se detem para observar a linda pintura na parede da sala, na casa de Jussara.”

Escrito desse jeito não desperta a vontade esperada. O verbo **deter** é derivado do verbo ter e, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, tem acento agudo (oxítona terminada em **-em**): **detém**.

Período correto: “Qualquer pessoa se **detém** para observar a linda pintura na parede da sala, na casa de Jussara.”

Tragédia no trânsito

“A greve dos motoristas de ônibus é tão grande ao ponto de as pessoas ficarem mais de 2h esperando nos pontos de ônibus sem poder se deslocar.”

Enquanto não resolvem o problema do transporte, vamos escrever corretamente.

Não se usa a expressão “ao ponto de”, o correto é **a ponto de**, locução prepositiva.

Período correto: “A greve dos motoristas de ônibus é tão grande **a ponto de** as pessoas ficarem mais de 2h esperando nos pontos de ônibus sem poder se deslocar.”

A vida que costumávamos ter

Por Gabriel Chalita

Ontem, fez dois anos sem ela. E ela faz, ainda, aniversário em mim. Não tive o poder da decisão, sequer pude limpar os ditos incorretos, rasurar alguma explicação.

Tenho o bom e o ruim do silêncio. Fico quieto tempo demais. E tudo o que é demais perturba. Por que não fiquei, então, quieto naquele dia?

Eu falei primeiro. Conteí o que não era necessário ser contado. Culpei o desejo que é mais forte do que eu. Quis estabelecer a sinceridade.

Estávamos juntos há algum tempo. Subitamente, achei natural que outros interesses me emprestassem de mim.

Ela falou nada. Olhou para dentro, querendo entender. Tantos anos juntos.

E foi assim o nosso entardecer de um inverno há dois anos.

Dormimos sem abraço. E nos levantamos sem calor. Ela se lavou de tudo o que achou necessário e veio ter comigo.

Foi quando chorou o fim. Ou não. Fiquei imóvel. Enquanto dizia que nunca mais me enxergaria como antes, fez silêncio. Deitou-se na cama, em que tantas vezes nos amamos, e lascou perguntas querendo saber por que eu não a abraçava eternamente, por que eu não espantava, junto com ela, o frio daquele dia e de todos os outros.

Como eu quis ter dado aquele abraço! Mas não dei. Como eu quis ter dito que era ela a mulher da minha vida! Mas não disse. Fiquei no tal

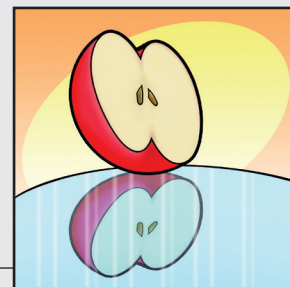
Dividindo

“Renata não soube dividir a maçã em duas metades iguais.”

Nem poderia! Cada uma de **duas partes iguais** em que se divide algo, denomina-se **metade**, logo, as metades têm de ser iguais e sempre serão duas.

Esse erro é conhecido como **pleonasma** ou **redundância**.

Frase correta: “Renata não soube dividir a maçã em duas metades.”



Sempre a crase

Não se usa crase antes de palavra masculina, mas há uma exceção: quando subentende a expressão **à maneira de**, **à moda de**. Exemplo: Ele pediu um filé à Oswaldo Aranha (**à maneira de** Oswaldo Aranha); Ela comprou um vestido à Dior (**à moda** Dior).

Sossego no campo

“Mariana mudou-se para uma xácara e aproveita o sossego do campo.”

Não terá tanto sossego, escrevendo dessa forma. Veja:

Xácara – narrativa popular em verso / **Chácara** – pequena propriedade campestre.

Período correto: “Mariana mudou-se para uma **chácara** e aproveita o sossego do campo.”

Aviso perdido

“Irene prendeu o aviso no mural com algumas taxas que estavam sobre a mesa da recepção.”

O papel caiu, certamente! A palavra “taxas” está mal empregada no contexto da frase. Veja: **Taxa** – imposto / **Tacha** – pequeno prego de cabeça chata e larga.

Período correto: “Irene prendeu o aviso no mural com algumas **tachas** que estavam sobre a mesa da recepção.”

Você precisa saber

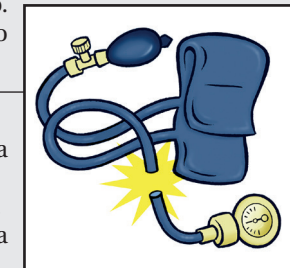
Cônjuge é um **substantivo sobrecomum**, ou seja, é um nome que tem somente um gênero, que serve para determinar masculino ou feminino. Dessa forma, diga ou escreva sempre: **o cônjuge**, seja para marido quanto para a esposa. Não existe “a cônjuge”.

Na pressão

“Adriana chegou correndo na emergência pedindo que a enfermeira tirasse a sua pressão.”

Não vai melhorar! Não se “tira” pressão. Pressão **se mede**.

Período correto: “Adriana chegou correndo na emergência pedindo que a enfermeira **medisse** a sua pressão.”



silêncio perturbador. E, então, ela se abraçou a si mesma e foi se levantando. E é essa a visão que aniversaria em mim.

Quanto aos desejos que tive, se abrandaram. E foram apenas desejos de um homem inseguro diante do despedir da juventude. Nada aconteceu além do riso bobo de ser olhado por uma outra muito mais jovem.

Desarrumada, arrumou as suas coisas. Disse que o resto alguém organizaria. Eu disse nada. Fiquei olhando e chorando por dentro. Confesso que imaginava que ela iria mudar de ideia. Confesso que não sei o que imaginava.

Na primeira noite sem ela, algum alívio. Nos últimos tempos, havia muita posse, muito ciúme, muita invasão.

A liberdade de alguns dias foi se transformando em cansaços. Eu tinha a certeza de que ela voltaria com a alegria de sempre, com as festas por bobagens, com as quebras do meu silêncio. Era ela a barulhenta da casa. Seu jeito de menina bagunçava de um jeito bom os meus dias. No jardim que plantávamos um no outro, havia tantos bocados de dias festivos, de viagens, de noites de luas. Havia as nossas imagens, um à espera do outro. Da janela de onde se via tanta gente, eu a olhava atravessando a rua e voltando para mim. E ríamos a distância. E, então, ela entrava e nos amávamos como nos inícios.

Dentro de mim, as prisões me quebraram as iniciativas e, assim, se passaram dois anos.

Soube dela por outros. Que está bem. Que ri das coisas simples e que pouco fala de mim. Cheguei a encomendar flores e ensaiar uma surpresa. Desisti. Talvez prefira a lembrança do que vivi e do que imaginei.

A distância apaga as feitura e confunde os fatos. Soube por outros de segredos que ela escondeu. De fazeres errados. De alguma hipocrisia, quando chorou fidelidade. Mas não é nisso que penso, agora. Penso no seu cheiro e em alguma esquina em que, quem sabe um dia, nos encontraremos novamente.

Que seja na primavera, tempo dos renascimentos.

**ROSISKA DARCY DE OLIVEIRA**

Presença da mulher na cultura brasileira

Arnaldo Niskier: Estamos recebendo a visita, via internet, da nossa estimada acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira. Ela é escritora, cronista, lida com os problemas da cultura e cuida também dos interesses da mulher. Como você vê a presença da mulher na cultura brasileira?

Rosiska Darcy de Oliveira: Há muitos anos, venho observando e incentivando a participação das mulheres na cultura brasileira, mas nunca precisei incentivar muito, só dar visibilidade a elas, porque a presença das mulheres na cultura brasileira é evidente. Que você procure na literatura, que você veja na música, as grandes cantoras e compositoras que temos, grandes pintoras, não há uma manifestação artística em que não haja uma presença relevante das mulheres. Não estou citando nomes exatamente para não esquecer ninguém, mas poderia citar. Além disso, temos grandes intérpretes de todo tipo, atrizes de teatro que são verdadeiros ícones da cultura brasileira...

Arnaldo Niskier: A Academia Brasileira de Letras, instituição à qual pertencemos, tem cinco mulheres no seu quadro. São quarenta acadêmicos e acho que tem só cinco mulheres. Você não acha um número pequeno demais para a relevância das mulheres na nossa cultura?

Rosiska Darcy de Oliveira: Evidente que acho. Há anos, você sabe tão bem quanto eu, era proibida a entrada das mulheres na Academia. Há anos, isso já era um escândalo, visto que tínhamos grandes escritoras que deveriam estar lá. Hoje temos cinco mulheres sob quarenta nomes, é lamentável. Inadmissível, porque não é uma questão de ter uma paridade entre homens e mulheres. Não é isso. Temos nomes na literatura brasileira que merecem largamente uma consagração, como é a consagração da Academia Brasileira de Letras, e não menos que outros homens, que também merecem, mas não uma desproporção tão grande que não pode ser senão o resquício de um tempo lamentável em que havia essa discriminação. O que precisa acabar é a discriminação ao contrário, quer dizer, mulheres não entram.

Arnaldo Niskier: Envolve também a questão do negro. Machado de Assis, nosso grande patrono, era descendente de negros. Essa dúvida deixou de existir há muito, a Academia acolheu Machado, que foi seu primeiro presidente, por quase dez anos, e hoje esse problema se põe novamente. Você não acha que da mesma forma como há poucas mulheres na Academia há também poucos negros?

Rosiska Darcy de Oliveira: Acho. Isso é uma manifestação a mais do fato que há poucos negros em todos os lugares de prestígio da sociedade brasileira e isso é mais do que injustificável, porque a presença dos negros na cultura brasileira é constitutiva, quer dizer, não existe cultura brasileira sem o elemento da cultura negra. Temos isso na língua, na própria língua portuguesa, e em todas as manifestações culturais. Alguns dos grandes gênios brasileiros são negros e temos uma população que é, majoritariamente, creio, mulata. Isso mostra que a cultura brasileira foi marcada por essa mestiçagem, que é seu grande trunfo, sua maior

qualidade. A sociedade brasileira é uma sociedade mestiça e esse é nosso grande trunfo, essa é a nossa riqueza. Não consigo imaginar o Brasil sem a presença cultural dos negros. Isso é um Brasil impensável, um Brasil que não existe.

Arnaldo Niskier: Está se comemorando o centenário da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a primeira universidade pública criada no Brasil. A reitora da UFRJ escolheu, para comemorar o primeiro centenário, a figura de Pixinguinha, que é uma figura ligada à Escola Nacional de Música, compositor inspiradíssimo, negro. Ele tinha orgulho dessa condição e temos orgulho de ter o Pixinguinha como elemento cultural de primeira ordem. Você não acha isso muito bonito?

Rosiska Darcy de Oliveira: Acho extraordinário como escolha e é muito relevante, nesse momento em que isso está sendo reivindicado pelos próprios negros. Essa não pode ser uma reivindicação apenas dos negros, isso deve ser uma reivindicação democrática da sociedade brasileira. A democracia brasileira, assim como ela exigiu e exige a participação das mulheres, em todos os níveis, que também não existe ainda, igualmente isso se aplica aos negros. Não temos a menor condição de fingir que hoje ignoramos isso, que isso não existe. A sociedade brasileira tem que assumir a responsabilidade de dar um lugar digno a esses criadores, porque eles têm nos dado algumas das coisas mais maravilhosas da cultura brasileira, dar a eles o lugar de prestígio que lhes cabe na nossa sociedade.

Arnaldo Niskier: Você é também educadora, inclusive com experiência internacional muito grande. Você não acha que isso tudo teria que começar pela educação, pela escola?

Rosiska Darcy de Oliveira: Sem dúvida nenhuma, isso deve começar em todos os espaços da sociedade, mas já deveria ter começado, há muito tempo, na escola. Somos defensores da escola pública e a escola pública foi o primeiro passo. Fui aluna de escola pública, tenho disso enorme orgulho e gratidão, porque foi uma escola que me formou para a vida. Vivia numa classe, majoritariamente, branca, mas com presença importante de negros e de mulatos. Essa escola ainda não era democrática, mas já havia pelo menos um esforço nesse sentido. A escola pública é um instrumento fundamental na promoção de todos aqueles (e é o caso da maioria da população negra no Brasil) que dependem de um Estado que lhes ofereça oportunidades, todos aqueles que estão em classes mais carentes da sociedade, que dependem dessa escola pública. Acho que a luta contra o racismo deve começar, sim, desde a escola.

Arnaldo Niskier: Você sofreu na pele a amargura de ter que viver alguns anos fora do Brasil por motivos políticos. Quantos anos foram? Você não morria de saudades do país?

Rosiska Darcy de Oliveira: Quinze anos. Claro que sim, não é possível não ter saudade do Brasil. Além de tudo, sou carioca. Tinha muita saudade do Rio de Janeiro e, sobretudo, da Floresta da Tijuca, onde nasci e moro até hoje.

Arnaldo Niskier: Como você viveu esses tempos de pandemia? Enclausurada?

Rosiska Darcy de Oliveira: Estou, juntamente com o Miguel, há seis meses, sem sair de casa. Estou vivendo isso com muita tristeza, porque considero que o que está acontecendo, no mundo e aqui no Brasil, é uma imensa tragédia que vai marcar nossa vida e todas as gerações que estão passando por isso. Uma situação totalmente inesperada e, mais do que isso, impensável, que mudou completamente nossa existência, quebrou as balizas do cotidiano, o tempo, a habitação do espaço, a fronteira entre os vivos e os mortos e instalou uma incerteza e um medo dentro de todas as casas. Enfim, tem sido um período muito difícil. Não posso me queixar, porque acho que há pessoas que estão atravessando isso em circunstâncias muito mais difíceis do que as minhas. Isso só faz com que reforce nossa obrigação, nossa responsabilidade, diante dessas pessoas que precisam de ajuda, como uma manifestação de solidariedade. Há quem fique sonhando com um mundo melhor, quando isso acabar, e espero que assim seja, mas esse mundo não será melhor se não começarmos a melhorá-lo desde já, desde agora.

Arnaldo Niskier: Por falar nisso, estão querendo taxar o livro, no bojo dessa confusão. O que você acha disso?

Rosiska Darcy de Oliveira: Acho isso mais um dos absurdos que está sendo imposto à sociedade brasileira. Isso é um atentado à cultura, em particular aos escritores, aos editores, às livrarias, enfim, a todos aqueles que vivem em torno do livro. Se você pensar bem, que falta de graça teria sido nossa vida sem os escritores... Eu, por exemplo, tenho uma família secreta que são os escritores com quem vivi a vida inteira, aqueles cujo sangue invisível me corre nas veias. Tenho essa família secreta e não sei quem seria sem esses livros que me formaram. Sou uma escritora de livros, quer dizer, também dei minha vida a escrever. Todas as pessoas que têm esse perfil não podem senão ficar revoltadas contra essa mesquinhez, que é colocar um imposto nos livros...

Arnaldo Niskier: Onerar o livro em mais 20% do preço de capa é inibir o público comprador.

Rosiska Darcy de Oliveira: Essas pessoas detestam livros, a cultura, porque em vez de facilitar a vida dos editores, das livrarias, dificultam, tornam a compra de livros uma coisa impossível para a maioria da população. Isso é um atentado, uma estupidez inimaginável. Você consegue se imaginar sem seus livros? E nós, que somos da Academia Brasileira de Letras, temos uma responsabilidade muito grande na preservação disso que é o instrumento da nossa existência. A língua portuguesa se corporifica nos livros que escrevemos e precisamos defender esse instrumento da cultura, contra o reino das trevas, o reino da ignorância. Não tem mais o que penalizar. Vai-se penalizar exatamente um ramo tão importante da cultura brasileira? Acho isso inadmissível. Fiquei muito chocada com isso. Sou contra e acho que devemos exprimir essa revolta, esse desacordo e tentar impedir que isso aconteça de fato.

Arnaldo Niskier: A Academia, mesmo estando em recesso, como se encontra, deu uma nota se solidarizando com manifestações do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, da Câmara Brasileira do Livro. São entidades importantes do nosso país que se manifestaram contra essa ideia do aumento do imposto sobre o livro ou da fixação de um imposto absurdo onerando mais ainda a possibilidade de chegar ao livro.

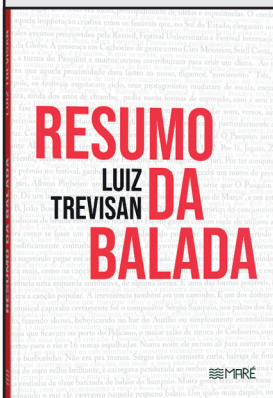
Rosiska Darcy de Oliveira: Há unanimidade na Academia em torno dessa questão, a nota do nosso presidente foi muito oportuna. Isso é uma batalha que não está perdida e vamos ter que continuar lutando. Agora, a ver a maneira como tem sido tratado todo o Ministério da Cultura, não me admira que o ministro da Economia se permita um absurdo desses. Seria papel do Ministério da Cultura nos defender...

Arnaldo Niskier: Não se ouve uma palavra a respeito do assunto. É um absurdo!

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



RESUMO DA BALADA

Com 74 crônicas distribuídas em 260 páginas, a Editora Maré lançou *Resumo da Balada* (2020), de Luiz Trevisan. A coletânea resulta de uma seleção entre mais de 200 textos publicados de 2016 a 2019, em jornais, revistas, livros, blogs e sites. Algumas crônicas são inéditas, como as que envolvem a pandemia. Refletindo sobre tempos distópicos, os temas variam da diversidade de gênero, celibato, conversas triviais, redes digitais, relações virtuais, passando por memórias de viagens, futebol, música, literatura, cinema, política e cultura, em geral. Tudo sem perder de uma prosa leve, bem-humorada e afiada, respaldada pela experiência de 40 anos de jornalismo diário de um observador atento do cotidiano, que busca a intercessão

entre a realidade e a ficção, com firmeza. Como resultado, o leitor é brindado com um estilo peculiar de narrativa, onde a forma fluida e primorosa se sobrepõe a um conteúdo que pode parecer corriqueiro, mas se engrandece pelo correr da pena do autor. Segundo a professora Iluska Coutinho, pós-doutora em Comunicação, “Trevisan mostra, em suas crônicas, o olhar atento do bom repórter. Sonoras, elas ampliam horizontes, tempos, ritmos e repertório dos leitores.” O escritor, músico e jornalista Luiz Paulino Trevisan nasceu em 24 de janeiro de 1950, em Castelo, no Espírito Santo. Atuou por mais de 40 anos no jornalismo capixaba, onde exerceu as funções de repórter, redator, editor e colunista, em jornais, rádio, televisão, assessorias e portais. É autor de documentários, como *Cachoeiro em Três Tons* (1994), e gravou dois discos autorais, *Depois da Chuva* (2003) e *Independência ou Marte* (2012).

A ERA DOS DESAFIOS

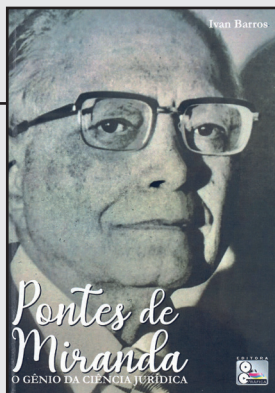
Nas 126 páginas de *A Era dos Desafios – a humanidade e os dilemas de sua permanência* (Ed. Quadrante, 2020), o autor Ives da Silva Gandra Martins reúne erudição e poder de síntese, percorrendo o passado da humanidade para afrontar os desafios que se desenham no futuro. Como as nações atenderão às crescentes demandas por direitos sem sufocar seus cidadãos? Que problemas o avanço tecnológico vai gerar para aqueles que não se adaptarem? E o meio ambiente? Na introdução, o autor explica que o livro já estava pronto quando o mundo foi surpreendido pela pandemia do novo coronavírus. A obra aborda questões que continuam sendo objeto de reflexão do ser humano, reiterando a aposta otimista do jurista na capacidade de cooperação e superação da humanidade. A trajetória do ser humano sobre a Terra é, eminentemente, uma trajetória de sucesso, ainda que marcada em diversos pontos por acontecimentos tristes. Dividido em 12 partes, o livro aborda desde as “Origens”, na dimensão do tempo com um Universo ainda desconhecido, passando pelo século XIX e os primeiros desafios, a revolução dos direitos do século XX, as questões (jurídica, econômica, demográfica, ambiental, tecnológica, política e de valores), a paz mundial e o Estado Universal. Ives Gandra da Silva Martins, nascido em São Paulo no dia 12 de fevereiro de 1935, é professor emérito da Universidade Mackenzie, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) e Superior de Guerra (ESG) e da Magistratura do Tribunal Regional Federal – 1ª Região, além de professor honorário de várias universidades, entre elas, a Austral, na Argentina, e a Vasili Goldis, na Romênia. Presidente do Conselho Superior de Direito da Fecomércio-SP, é autor de mais de 90 livros. Membro, entre outras instituições, da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia.



PONTES DE MIRANDA

Organizada pelo jornalista e escritor Ivan Bezerra de Barros, a obra *Pontes de Miranda – o gênio da ciência jurídica* (Editora Q-Gráfica, 2020) relata com maestria a trajetória biográfica de um dos expoentes máximos da cultura jurídica mundial. Do nascimento, no dia 23 de abril de 1892, – definido pelo autor como “data de uma luz que iluminou o século vinte” –, passando pela trajetória de vida, pela extensa obra jurídica, pelas correspondências, pelos discursos valorosos, incluindo o de posse na Academia Brasileira de Letras, a obra é encerrada com um precioso anexo contendo fotos históricas do acervo iconográfico do biografado.

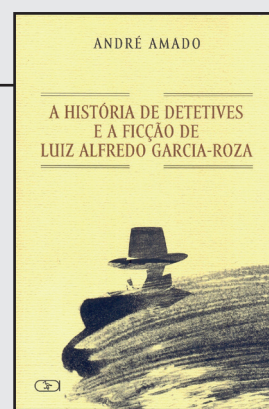
Na introdução, algumas palavras de Silvio de Macedo antecipam a importância literária do livro: “Ivan de Barros, realizando sua obra literária, foi muito feliz em assumir a incumbência de biografar Pontes de Miranda, um homem versado em quase todos os ramos das ciências. Era o cientista da cultura poliédrica. A biografia está cheia de comprovações neste sentido, acontecendo, justamente, num momento em que a Nação Brasileira atravessa uma fase crucial de sua história política e social, quando se impõe reflexão profunda sobre os ensinamentos do respeitável jurista.” Jornalista, advogado, promotor de Justiça aposentado do Ministério Público de Alagoas, Ivan Bezerra de Barros foi repórter da revista *Manchete*. É membro decano da Academia Alagoana de Letras, fundador e presidente da Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes, fundador do jornal *Tribuna do Sertão* e Rádio Cacique.



A HISTÓRIA DE DETETIVES

A literatura policial do criador do delegado Espinosa inspirou o novo livro de André Amado, *A História de Detetives e a Ficção de Luiz Alfredo Garcia-Roza* (Ed. Ibs Libris, 2020).

Oitavo livro de André Amado, que estreou na literatura em 1989 e escreveu três romances policiais, a obra analisa minuciosamente a ficção de Garcia-Roza, traçando um painel esclarecedor sobre autores fundamentais da ficção policial. Segundo o próprio autor explica na introdução, a análise dialógica da obra de Roza parte de uma visão sincrônica, não se centrando em livro por livro, mas em temas que perpassam horizontalmente os textos: “Interessa abordar os múltiplos aspectos do personagem central, Espinosa, sua visão do ofício de policial, suas experiências afetivas com mulheres, a presença da solidão e da depressão em seu universo afetivo, suas relações com a psicanálise e a cultura, e a técnica do autor em lidar com o suspense, sua definição de inescrutabilidade e a tendência a arrematar as histórias sem fechar a narrativa, optando, em geral, por finais abertos.” André Mattoso Maia Amado nasceu no dia 15 de fevereiro de 1946, no Rio de Janeiro. cursou a Faculdade de Sociologia na PUC-Rio, e formou-se no Instituto Rio Branco. Diplomata aposentado, com 48 anos no serviço exterior, foi embaixador em Lima, Tóquio e Bruxelas. Entre os livros publicados, estão *Desde os Tempos da Esquina* (Record, 1989), *A Casa de Dona Iolanda* (Maltese, 1992), *Exílio Nacional* (Topbooks, 2001 – Prêmio Nacional de Literatura Luiza Claudio de Sousa de 2002), *Clube dos Injustiçados* (Record, 2013), *Ao Lado da Lei* (Lisboa, Chiado, 2014) e *O Corpo* (Verve, 2016).



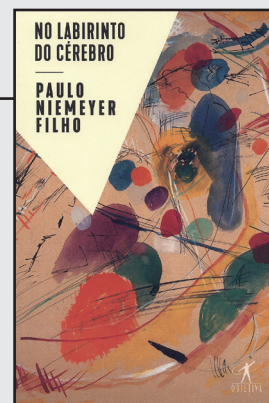
O MENOR AMOR DO MUNDO

O Menor Amor do Mundo (Ed. 7 Letras, 2020) é a quinta coletânea do poeta e professor carioca Rafael Zacca. Amor e resiliência estão entre os temas iluminados pelo autor, ao longo de 107 páginas, retratando do sublime às agruras da vida, a exemplo do poeta Wally Salomão (1943-2003) – não por acaso uma de suas inspirações. Dos anjos imortalizados em aquarela e pastel pelo pintor alemão Paul Klee (1879-1940) a uma acalorada discussão no Codorna do Feio, o tradicional boteco no Engenho de Dentro – numa recriação de *O Banquete*, a obra-prima de Platão, os textos são costurados com primor à sonoridade do seu discurso. A obra é dividida em três partes. A primeira dá título à coletânea, composta por 11 poemas inspirados nos anjos criados por Paul Klee. Todos esses nomes de pássaros estranhos compõem a segunda parte. Nela o leitor encontra nove textos nos quais o poeta direciona seu olhar para situações que remetem à sua formação como indivíduo. Considerações sobre Eros e Thanatos – personificações do Amor e da Morte, respectivamente – dão a tônica da última parte da coletânea, *O Banquete no Codorna do Feio*. A alusão a *O Banquete* platônico não é em nada aleatória. Rafael Zacca é poeta e professor universitário. Doutor em Filosofia pela PUC-Rio, é professor no departamento de Filosofia da mesma instituição e professor substituto no departamento de Ciência da Literatura do Instituto de Leras da UFRJ. Estreou na Literatura com *Kraft* (Cozinha Experimental, 2015) e é autor também de *Mini Marx* (7Letras, 2017), *Mega Mao* (Caju, 2018) e de *A Estreita Artéria das Coisas* (Garupa, 2018). Coordena oficinas de criação no Coart/UERJ e na 7Letras. Foi co-organizador do coletivo Oficina Experimental de Poesia, através do qual publicou o *Almanaque Rebolado* (várias editoras). Como crítico, colabora com o jornal *Rascunho* e assina, na revista *Pessoa*, a coluna Como prática da liberdade, sobre arte, educação e política.



NO LABIRINTO DO CÉREBRO

A ideia de escrever *No Labirinto do Cérebro* (Ed. Schwarcz, 2020) surgiu da enorme curiosidade despertada entre os familiares e amigos do neurocirurgião Paulo Niemeyer Filho em torno de seus casos médicos. A força da palavra não será plena se não estiver envolvida por um amplo espírito social. A obra do consagrado médico está profundamente ligada ao seu interesse pelo ser humano. Niemeyer testemunhou uma época em que a neurocirurgia era uma especialidade que engatinhava, misteriosa, e na qual havia muito por fazer. Desde então, a neurociência se desenvolveu e passou a interessar a um público cada vez mais amplo. Pela sua capacidade de interação com os diferentes aspectos da vida, *No Labirinto do Cérebro* traz um relato intenso sobre a prática diária da medicina, oferecendo histórias de superação, abordando riscos enfrentados no combate às doenças cerebrais, incluindo os preparativos e os desafios que envolvem uma cirurgia. O resultado mantém intocadas as permanentes vocacionais do autor que registra, em texto fluido e muito bem elaborado, sem fechar as portas a entendimentos de qualquer nível. Considerado um dos melhores neurocirurgiões do país, o carioca Paulo Niemeyer Filho é formado pela UFRJ. Estudou em Londres e nos Estados Unidos. Em 1979, foi nomeado diretor do Instituto de Neurocirurgia da Santa Casa de Misericórdia. É diretor no Instituto Estadual do Cérebro Paulo Niemeyer (IEC), membro da Academia Nacional de Medicina (ANM) e professor de neurocirurgia da PUC-Rio.



Como a Covid-19 está afetando o mercado editorial

Por Luiz Paulo Silva*

Antes de mais nada, é preciso colocar as coisas nos seus devidos lugares: nem tudo é culpa da pandemia. Desde o ano passado, o Brasil já vinha enfrentando diversos problemas na área econômica. O atual governo conseguiu a façanha de delegar ao país um PIB de apenas 1,1%, em 2019, menor do que o da gestão Temer, em 2018 (1,3%). Os indicadores mostravam um quadro recessivo, com investimentos em queda e aprofundamento do desemprego, e especialistas do mercado financeiro apostavam em possíveis mudanças, esperando a aprovação de reformas estruturais que incentivassem a produção. Até que no dia 26 de fevereiro o Ministério da Saúde confirmou a existência do primeiro caso de Covid-19 no Brasil, e em 11 de março, a Organização Mundial da Saúde anunciou oficialmente a pandemia. De lá para cá, estamos vivendo o caos.

O impacto da doença em todos os setores da economia tem sido irrefutável. O mercado editorial, por exemplo, procura formas de se manter ativo, com a adoção de medidas que atenuem os efeitos do isolamento social. Falo especificamente das entidades responsáveis legais da categoria de editores de livros e publicações culturais que, respeitando as recomendações das esferas governamentais e da Organização Mundial da Saúde, adotaram o teletrabalho.

O Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), enquanto aguarda o retorno às atividades presenciais, permanece com a sua sede fechada, mas os serviços continuam funcionando normalmente e os pedidos das editoras podem ser feitos através do portal (<https://snel.org.br>). Os prazos das solicitações das associadas continuam os mesmos. Os funcionários atuam no regime de home office, com acesso aos e-mails

corporativos e sistemas. Da mesma forma, a Câmara Brasileira do Livro (CBL), que reúne editores, distribuidores e livreiros, colocou toda a sua equipe à disposição dos associados, e está preparada para o atendimento remoto de todas as solicitações. A CBL representa mais de 400 associados em todo o Brasil, e tem buscado estratégias para levar informações exclusivas para as empresas afiliadas, como a promoção de palestras on-line, com dicas e orientações jurídicas em período de isolamento.

Outra entidade impactada é a Liga Brasileira de Editoras (LIBRE), que representa 156 editoras independentes que trabalham cooperativamente pelo fortalecimento de seus negócios e do mercado editorial. A entidade realizou recentemente uma pesquisa com 75 editoras, sobre os efeitos da Covid-19 no mercado, apresentando alguns dados interessantes:

- 1) 88% das editoras devem adiar lançamentos este ano;
- 2) 37,4% anteciparam lançamentos no formato digital;
- 3) 39% editaram e-books (o que não estava em seus planejamentos);
- 4) 80,3% (associadas à entidade ou não) estão recebendo com atraso;
- 5) 20% viram a inadimplência atingir mais de 50% das receitas.

Os efeitos da pandemia já podem ser sentidos em alguns fatos concretos: uns negativos e outros positivos. A Bienal Internacional do Livro de SP, organizada pela CBL, prevista para o período de 30 de outubro a 8 de novembro deste ano, no Expo Center Norte, passou para 2022, para garantir a saúde e segurança dos visitantes e expositores. Para amenizar o impacto da não realização do evento, a CBL anunciou a “I Bienal Virtual do Livro de SP”, que deve ocorrer em dezembro, com reuniões virtuais, contatos entre leitores, autores e profissionais do setor, e a possibilidade de realização de negócios. Por outro lado, a Associação Nacional de Livrarias (ANL), o SNEL, a CBL e algumas livrarias com fluxo de caixa ainda saudável se uniram na criação do projeto “Retomada das Livrarias”. Eles conseguiram arrecadar fundos e ajudar micro e pequenas livrarias com problemas financeiros em diversos estados brasileiros. Uma iniciativa louvável!

Enquanto isso, um projeto do Ministério da Economia pretende aumentar a taxa de obras literárias. Em plena pandemia do novo coronavírus, uma demonstração de total falta de respeito para com o setor editorial, tão importante para a cultura brasileira. Uma maldade sem tamanho!

*Luiz Paulo Silva é jornalista.

A literatura nos diários

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

É muito comum (se não unânime) em cursos e oficinas de escrita criativa o conselho para que candidatos a escritor mantenham um diário – vá lá, um caderno de notas – que lhes favoreça registrar fatos, ideias e impressões. Algumas pessoas é que tornam esses cadernos num diário, quando uma qualquer consideração de maior monta lhes induza disposição para um “a mais” de rigorismo e de método.

O fato é que o diário como gênero literário não é tão difundido por aqui como o é na França, por exemplo. O Journal dos irmãos Goncourt, traça registros inestimáveis da sua época. É, sem dúvida, um modelo do gênero.

Mas cabe aqui uma observação: nada obsta a que autores que se aventuram nesse gênero encarem a tarefa de maneira tão diversa como podem ser os estilos de cada um. De fato, como se comparar o estilo reflexivo e pessoal do Diário de Miguel Torga, repleto de registros impressionantes e até líricos, por vezes (muitas vezes) em forma de poema, ou o Diário de Josué Montelo, uma espécie de produto jornalístico elegante, com o Diário Secreto de Humberto de Campos? Campos, indo noutra vertente, tecia registros penetrantes e por vezes ácidos dos fatos e das personagens neles intervenientes. Tanto que o seu diário foi publicado postumamente. Neste sentido é que o escrito de Campos se apro-

xima mais do primeiro modelo, o Journal dos Goncourt, que dos outros dois, os Diários de Torga e de Montelo.

As observações acima não se revestem de maior rigor crítico, ficam-se pelo campo da observação pessoal. Mas servem para introduzir o tema do diário pessoal, aquele não pensado para publicação, como motivo de enredo literário. Foi o próprio Montelo, no Reencontro com meus mestres – poetas e prosadores (ABL, 2003), quem chamou atenção para a diferença entre os registros tomados ao correr da pena, sem maiores reflexões, e sua eventual versão final, destinada à publicação, as informações colhidas meditadas e por isso expurgadas de excessos.

Busquemos na Literatura exemplos de ambos os casos. No primeiro, a situação retratada por Machado de Assis no conto Galeria Póstuma, do *Histórias Sem Data* (1884): Joaquim Fidélis, distinto e estimado por todos, falece repentinamente. O sobrinho por ele criado e favorecido encontra uns cadernos de notas, em que o falecido compunha retratos de figuras públicas e de pessoas próximas, revelando faceta crítica pouco conhecida de todos. No segundo, a situação retratada por Germano Almeida no livro que o fez conhecido (*O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo*, 1989), usando registros do testamento em forma de diário de um rico comerciante de mesmo nome. Interessante é que, se pelo protagonista de Machado o sobrinho foi poupado, eis que a pena voraz traçou-lhe retrato favorável, pelo protagonista de Almeida, o sobrinho que lhe sucederia na direção dos negócios tem uma grande decepção. Confirmam-se ambos.

Gênero literário, assunto a desenvolver num enredo ficcional, diários, por íntimos que são, prestam-se perfeitamente a fazer Literatura. Essa possibilidade deve ser motivo para que o gênero alcance “plenitude” na “ordem das categorias literárias”, como pugnou Montelo. Ou assunto mais versado entre os ficcionistas, ousou sugerir.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

Louise Glück conquista o Prêmio Nobel de Literatura 2020

A poeta norte-americana Luise Glück, de 77 anos, ganhou o prêmio Nobel de Literatura de 2020 por sua “inconfundível voz poética, que, com uma beleza austera, torna universal a existência individual”. Glück é a primeira mulher poeta a receber o Nobel, desde a polonesa Wislawa Szymborska, em 1996.

A autora é considerada uma das poetisas mais talentosas da sua geração. Sua primeira obra, *Firstborn* (1968), a fez ser aclamada como uma das poetisas mais destacadas da literatura contemporânea dos Estados Unidos. Nascida em Nova York, de família judia, possui graduações na Faculdade Sarah Lawrence, em Yonkers (Estado de Nova York) e na Columbia University. Atualmente, é professora da Universidade Yale. Ainda inédita no Brasil, alguns poemas de sua autoria foram publicados, em 2016, no jornal *Rascunho*, como o que transcrevemos a seguir:

“HESITANDO EM LIGAR”

Poema do livro *Fishborn* (1968), com tradução de André Caramuru Aubert.

Vivi para você me jogando
Fora. Aquilo pelejou
Como peixe na rede dentro de mim. Vi você pulsando
Em meus melados. Vi você dormir. E vivi para ver
Que tudo tudo foi pelo ralo
A recusa. Feita?
Ela vive em mim. Maligno.
Amor, você sempre me quis, não.



Ao longo de sua carreira, recebeu prêmios importantes, como o Pulitzer, em 1993, por sua coletânea *The Wild Iris* (*A íris selvagem*), e o National Book Award, em 2014. Em 2015, o presidente Barack Obama entregou a ela a Medalha Nacional de Artes e Humanidades.

Com livros como *The Triumph of Achilles* (1985) e *Ararat* (1990), Glück ficou conhecida fora dos Estados Unidos. O júri ressaltou também o valor de sua última coletânea, *Faithful and Virtuous Night* (2014). Mas a décima sexta mulher a levar o Nobel de Literatura não escreve só poesia, fazendo valer a força da predestinação do seu sobrenome. Glück, para quem não sabe, em iídiche, significa “inteligente”.

A escritora sucedeu os dois vencedores do ano passado, a polonesa Olga Tokarczuk (Nobel de Literatura 2018, ano em que não foi entregue o prêmio) e o dramaturgo e escritor austríaco Peter Handke (2019). Em 2017, a instituição que concede o prêmio Nobel se viu envolta num escândalo tão grande que a obrigou a suspender a premiação no ano seguinte. Em 2019, a entrega do prêmio a Handke, um autor cujas opiniões causaram repúdio na comunidade literária, por seu apoio ao líder sérvio Slobodan Milosevic durante a guerra da Iugoslávia, envolveram novamente a academia em polêmicas. Todos esses antecedentes levaram o prêmio deste ano a uma pessoa de reconhecido prestígio e que não gerasse polêmicas.

Até 2020, foram entregues 113 prêmios Nobel nesta categoria (apenas um deles concedido a um autor de língua portuguesa, José Saramago). Entre mais de uma centena de premiados, apenas 16 eram mulheres. A idade média dos vencedores é de 65 anos, sendo Ruyard Kipling o mais jovem (41 anos) e Doris Lessing a mais idosa (88 anos).

Entre os ganhadores recentes do Nobel de Literatura, se encontram, além dos dois do ano passado, Kazuo Ishiguro (2017, Reino Unido), Bob Dylan (2016, Estados Unidos), Svetlana Aleksievich (2015, Belarus), Patrick Modiano (2014, França), Alice Munro (2013, Canadá), Mo Yan (2012, China), Tomas Tranströmer (2011, Suécia) e Mario Vargas Llosa (2010, Peru).



Personalidade do ano

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

A pneumologista Margareth Dalcolmo, pioneira no tratamento de pacientes de Covid-19 no Brasil, foi a vencedora do Prêmio Yedda Maria Teixeira, na categoria Personalidade do Ano. A premiação, uma iniciativa da Associação dos Embaixadores do Turismo no Rio de Janeiro, foi marcada para o dia 8 de novembro, de forma virtual, por meio da plataforma Zoom.

Uma das pneumologistas mais experientes do Brasil, a pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) alia conhecimento e sabedoria à elegância de expressão oral e pessoal, o que a tornou uma referência nos assuntos ligados à crise sanitária.

Defendendo a Ciência com veemência, perseverante nas pesquisas, firme nas atitudes, a médica capixaba, radicada no Rio de Janeiro, é amplamente admirada – tanto no meio acadêmico, entre seus colegas, no consultório, entre seus pacientes, ou entre amigos, na mesma medida.

Sua conduta no exercício da atividade médica é marcada pela dedicação, com um trabalho sério e competente. Em todas as atividades desempenhadas ao longo da carreira, sempre demonstrou zelo, firmeza e eficiência.

Desde o início, esteve ligada ao serviço público, exercendo diversos cargos locais e nacionais. Foi a mais jovem diretora de um hospital público federal – o Hospital Rafael de Paula Sousa, do Ministério da Saúde – função que desempenhou por quatro anos.

Com graduação em Medicina pela Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (1978), Residência Médica em Pneumologia, Especialização em Pneumologia Sanitária pela FIOCRUZ em 1981; e doutorado em Medicina (Pneumologia) pela Escola Paulista de Medicina, da Universidade Federal de São Paulo (1999), foi presidente da Sociedade de Pneumologia e Tisiologia do Rio de Janeiro por quatro anos, e secretária executiva da Primeira Comissão Antitabagista do Brasil. É membro de três sociedades médicas internacionais.

No mundo acadêmico, tem participação brilhante com atividades no país e no exterior, atuando, por diversas vezes, na área de sua especialidade médica, como consultora do Ministério da Saúde, da Organização Pan-Americana de Saúde, da Organização Mundial de Saúde. Primeira médica brasileira convidada para um Congresso no Irã, país de fé islâmica, participou de inúmeras conferências no Brasil e no exterior. Integra dois comitês científicos nacionais e um internacional.

Margareth Dalcolmo tem vários trabalhos científicos publicados em revistas médicas brasileiras e internacionais. Colaborou na elaboração de três manuais e dez livros de texto. Em todas as atividades acadêmicas, demonstrou brilho e competência, associados a um estilo apurado de apresentação. De seus trabalhos escritos, destaca-se a tese de doutoramento na Escola Paulista de Medicina, sobre o tratamento da tuberculose, aprovada com louvor em abril do ano 2000. A tese da pneumologista representa um marco referencial sobre o tema, tal a amplitude e a qualidade do trabalho concluído.

Em entrevista ao acadêmico Arnaldo Niskier, que também acaba de ser agraciado com o Prêmio Yedda Maria Teixeira, na categoria “Empreendedorismo”, a médica capixaba se mostra otimista em relação ao desenvolvimento de vacina em busca da prevenção ao novo coronavírus.

A SOLUÇÃO É A VACINA

Arnaldo Niskier: No programa “Identidade Brasil”, do Canal Futura, entrevistamos a Dra. Margareth Dalcolmo, que talvez seja a maior especialista brasileira em matéria de pandemia. Ela começou fazendo medicina na Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, ES. Depois fez doutorado na Escola Paulista de Medicina e tem demonstrado grande competência nos trabalhos realizados como pesquisadora na Fundação Oswaldo Cruz. O que é exatamente essa doença e o que isso representa?

Margareth Dalcolmo: A Covid-19 chegou a nós, no Ocidente, vinda da China, como uma pneumonia diferente, grave. Matava pessoas e deixava as pessoas, rapidamente, evoluírem para um quadro grave, irem para ventilação mecânica, CTI...

Arnaldo Niskier: A origem é mesmo o morcego?

Margareth Dalcolmo: É. Em primeiro lugar, temos que considerar todas as bobagens que o ser humano tem feito

contra o planeta. Esse é mais um que migrou do mundo animal para os seres humanos, atravessou a barreira humana, é originário, sim, dos morcegos. Os morcegos vivem aglomerados aos milhões, em cavernas, e são grandes e conhecidos portadores. Há quase um milênio que se sabe, pelos estudos de genoma, que os morcegos são portadores de muitos vírus. Eles vivem aglomerados e têm uma característica que é a temperatura corporal mais alta, até para poder voar. Tudo isso confere a esses bichos uma característica muito peculiar. Eles alcançaram seres humanos através de um pequeno mamífero, um bichinho que parece o tatu brasileiro, que chamam pangolim. Todos esses animais são muito frequentes naqueles mercados ditos molhados da China. Conheço bem esses mercados, em várias cidades da China e realmente...

Arnaldo Niskier: A senhora já esteve lá?

Margareth Dalcolmo: Várias vezes. Já vi em Pequim, já vi em Xangai, já vi no interior da China, na província de Lunã. O de Wuhan não conheço, porque nunca estive lá, mas estive em Chengdu. Todas têm esses mercados, porque eles comem esses animais ditos exóticos. Esses animais ficam lá mortos e vivos, tudo misturado, então, tem sangue, secreções e aquilo tudo propicia uma transmissão de muitos vírus. São esses animais que atravessaram a barreira humana e nos trouxeram o coronavírus. Ele é da família dos coronavírus, que são nossos velhos conhecidos, coronavírus do bem, se podemos dizer assim, que são responsáveis pela grande maioria dos resfriados que temos ao longo do ano. Essa doença chegou a nós como sendo uma pneumonia grave e, rapidamente, entendemos que não era só isso. Na verdade, é uma doença sistêmica, capaz de comprometer todos os órgãos do corpo humano, caracterizada por um processo inflamatório que compromete todos os vasos. Tem uma característica, que chamamos trombogênese, que faz trombos, causa embolia, obstrui a circulação na microcirculação. Isso não só no pulmão como em vários órgãos e, por isso, que é tão grave, por isso que muita gente morreu no início. O doente internava com saturação de oxigênio (que é aquela que medimos no dedo da mão), falando normalmente, e, rapidamente, entrava com insuficiência respiratória e estava entubado. O que explicava essa chamada hipóxia silenciosa? Era a obstrução de vasos, era a trombose. Aprendemos isso e passamos a tratar os pacientes, fazendo anticoagulação, que é o que todo mundo tem que receber, sobretudo quando está mais grave. Então, é uma doença sistêmica, nem sempre se apresenta por uma pneumonia e que pode ser, na maior parte das vezes, leve ou moderada ou, algumas vezes, muito grave, ocorrendo a mortalidade que sabemos que varia, mas pode ser muito alta como foi no Brasil.

Arnaldo Niskier: Na sua opinião, existe a possibilidade de ser controlada em tempo curto?

Margareth Dalcolmo: Há um esforço mundial para isso. O que poderia estar melhor, digamos assim, comparando nosso país com outros países que controlaram a epidemia. A doença é grave, se dissemina muito fácil, é preciso que todos entendam que não estamos falando de alguma coisa que passa de uma pessoa para outra e, sim, de uma doença que passa de uma para várias outras. E isso é que faz com que a Covid-19 seja tão grave do ponto de vista epidemiológico. Ela realmente atinge pessoas que têm determinados fatores de risco e a idade é um deles, outras doenças e condições predispõem ao agravamento. Como é uma virose respiratória, temos certeza de que haverá de ser controlada. Em determinado momento, ela



A pneumologista Margareth Dalcolmo foi eleita Personalidade do Ano, pela Associação dos Embaixadores do Turismo do RJ, no Prêmio Yedda Maria Teixeira.

será controlada como todas que a antecederam o foram, só que nenhuma foi tão pandêmica. Desde a gripe espanhola de cento e poucos anos atrás, não temos um quadro tão pandêmico quanto o Sars-CoV-2.

Arnaldo Niskier: Fala-se em três, quatro, cinco, seis vacinas que já estariam em estudos e em exames, em provas aqui no Brasil. Gostaria que fizesse pequena análise sobre essas vacinas e a possibilidade de acabarem com essa pandemia. O que existe de concreto em relação a isso?

Margareth Dalcolmo: A melhor solução para as viroses respiratórias e para todas as viroses agudas é vacina, sempre foi. Tudo se resolve com vacina em detrimento de uso de medicamentos. É claro que o investimento hoje é muito justificado na busca da vacina. Há uma corrida enorme, mais de 150 grupos pesquisando vacinas. Há 16 já em fase clínica de testagem e, no Brasil, já temos várias vacinas sendo testadas em fase 3. A mais avançada é chamada AstraZeneca modelo Oxford, que está sendo produzida pela Fundação Oswaldo Cruz, chancelada pelo Ministério da Saúde. É uma vacina diferente da chinesa, da empresa Cinovac, também em um processo de transferência de tecnologia, será fabricada pelo Instituto Butantã, em São Paulo. Ambas estão em fase 3 no Brasil, são vacinas diferentes. A chinesa opera com modelo de vírus acumulado e a vacina da AstraZeneca trabalha utilizando como vetor da vacina, um adenovírus vindo dos chimpanzés. São vacinas diferentes, parecem ser muito boas, estamos muito otimistas com o desenvolvimento das fases 3 dessas vacinas. O que ocorreu, recentemente, com a interrupção, muitas pessoas nos perguntam, é uma coisa completamente normal. Quando ocorre um efeito chamado inesperado (chamamos efeito inesperado ou adverso ou adverso inesperado grave), isso leva à interrupção definitiva ou temporária. Nesse caso, o que aconteceu foi um excesso, diria, de cuidado, até porque a pressão política é muito grande, a opinião pública nesse momento é muito grande...

Arnaldo Niskier: Uma paciente apresentou problemas neurológicos. Não necessariamente eram devidos à vacina, ou eram?

Margareth Dalcolmo: É possível até que seja, isso não está completamente elucidado, porque sabemos que a mielite transversa é um efeito colateral que pode ocorrer derivado da vacina, sendo só pela vacina ou porque a pessoa é portadora de uma condição predisponente neurológica. Pode ter, por exemplo, esclerose múltipla e nem saber que tem, então isso pode ocorrer nos voluntários. De modo que o patrocinador, a própria AstraZeneca, se antecedeu aos chamados grupos de segurança, que têm total autonomia para interromper qualquer estudo clínico, em qualquer lugar do mundo, a qualquer momento. Esses grupos analisaram o caso, fizeram a relação causa efeito e liberaram os estudos para continuar, de modo que estamos muito tranquilos, o Brasil está numa posição boa, vamos ter a vacina no Brasil...

Arnaldo Niskier: Em quanto tempo?

Margareth Dalcolmo: Ano que vem, 2021.

Arnaldo Niskier: Essa história da vacina russa é um pouco otimista demais?

Margareth Dalcolmo: Quanto à vacina russa, não posso fazer a mesma análise, tendo em vista o pouco conhecimento dela, embora se saiba que foram publicados resultados das fases 1 e 2. A fase 3, que é absolutamente indispensável para registro e aprovação de qualquer vacina, precisa ser feita para que possamos falar. Os russos têm muita tradição nesse tipo de produção. Minha impressão é a de que talvez tenhamos uma outra vacina, e a nossa expectativa é que esse mercado produzirá muitas vacinas, que serão colocadas para comercialização ou, no caso do Brasil, estamos fabricando a vacina modelo Oxford no sentido humanitário.

Arnaldo Niskier: A vacina de Oxford está sendo feita em parceria com o Rio de Janeiro.

Margareth Dalcolmo: A vacina fase 3 quem está desenvolvendo é a Universidade Federal de São Paulo. À Fiocruz, cabe a produção da vacina. Temos um acordo de transferência de tecnologia com a AstraZeneca para produzir milhões de doses. Vamos entregar ao Ministério da Saúde os primeiros lotes de 30 milhões de doses até janeiro de 2021, já para aplicação. Depois de feito o registro regulatório na Anvisa, que é nosso órgão a quem temos que registrar qualquer produto biológico a ser utilizado, a vacina será incorporada ao calendário do SUS. Então, certamente, serão definidos os grupos mais vulneráveis que serão os primeiros a serem vacinados.

Arnaldo Niskier: A senhora é favorável a volta às aulas de imediato?

Margareth Dalcolmo: Não. Já tive muitas oportunidades de conversar sobre isso, inclusive com o Ministério Público do Rio, de São Paulo,

com escolas, com faculdades, a situação está muito complexa. Se fôssemos responder pela diferença, digamos assim, há determinadas instituições privadas, sobretudo, que teriam condições de serem reorganizadas em seus espaços, tempos, para abrir com relativa segurança. Redefinição do espaço, número de alunos numa classe, distância das carteiras, colocação de divisória acrílica, utilização de máscara o tempo todo, fechamento de bebedouros, interdição de vestiários para não causar aglomeração. E há escolas que têm espaços físicos que permitem oferecer quase 80% das aulas ao ar livre ou em quadras abertas, ventiladas. É muito difícil dizer de maneira geral. De novo, a desigualdade vai se impor.

Arnaldo Niskier: Gostaria de ouvir sobre os problemas brasileiros em relação à tuberculose.

Margareth Dalcolmo: Muito triste reconhecer que a Covid-19, além de ser uma epidemia muito grave, já estamos a praticamente 8 meses de doença... O fato é que o impacto dela sobre as doenças crônicas foi muito grande, a tuberculose é apenas um dos exemplos. Sobre o câncer, por exemplo, o impacto foi enorme, o número de pessoas que deixaram de completar seus exames pré-operatórios, como o câncer de mama, câncer de próstata, que são muito comuns... Seguramente muitas pessoas vão pagar com as próprias vidas por isso. Na tuberculose, o impacto também não foi pequeno, já sabemos os dados oficiais, 40% a menos de exames feitos para diagnóstico de uma doença absolutamente benigna, tratável. Isso tem um impacto enorme de uma doença ainda tão prevalente no Brasil. E mais que isso. Há pacientes portadores de doenças pulmonares crônicas, doenças cardiovasculares, que eventualmente deixaram de ser atendidas com a regularidade e eficiência que mereciam. Então, sem dúvida, o impacto que chamaria de secundário, não que seja menos importante, mas o impacto paralelo da Covid-19 é catastrófico no Brasil.

Arnaldo Niskier: Isso que nos faz sofrer muito, porque não é só a existência de nossa permanência em casa para fazer esse isolamento, mas é também prejuízo de modo geral para o país, a economia fica grandemente prejudicada. Na sua opinião como especialista, iremos atingir o chamado “novo normal” no ano que vem, em que mês aproximadamente?

Margareth Dalcolmo: Não sou muito simpática a esse termo, porque não podemos chamar exatamente normal do ponto de vista humanitário, sobretudo no Brasil, pelas marcadas diferenças sociais de acesso. O Brasil não teve essa forma de montanha, de curva que alcançou o pico e desceu, rapidamente, como os países europeus. O Brasil alcançou o pico e permaneceu num platô ainda muito alto que declina lentamente, mas declina. Temos que fazer todos os esforços, termos paciência, entendermos que não somos só, que o distanciamento social ainda é grande arma, tendo em vista a transmissibilidade. Existe um termo e um indicador, que é o chamado R, que é a taxa de transmissibilidade. Angela Merkel, na Alemanha, explica isso lindamente. Quando a taxa está acima de 1, é ruim. Lisboa acaba de fechar tudo de novo com medo de uma segunda onda. A Europa abriu, em pleno verão, e agora está pagando o preço no aumento de casos. Não é que haja uma segunda onda, mas pode haver. Temos que fazer todos os esforços coletivos e individuais para que isso não ocorra, até que chegue a vacina, que tenhamos alcançado uma determinada proporção de pessoas que, por força de terem tido a Covid-19 ou o contato, tenham desenvolvido alguns anticorpos, que é o resultado desses estudos epidemiológicos, como é de Covid-19, mostrando que há determinadas áreas no Brasil onde já tem mais ou menos 20% de pessoas protegidas. O mundo ideal seria, concluindo, se vamos ter vacinas que vão garantir uma proteção de aproximadamente 55%, 60%. Se isso se soma a uma certa imunidade comunitária de uns 20%, em média, vamos ter a interceptação da cadeia por transmissão sem dúvida e a epidemia vai arrefecer. Acho que temos que contar com essa possibilidade para ano que vem. Do ponto de vista epidemiológico, é o esperado. Agora, todos têm que continuar contribuindo. O problema é de muita complexidade, extrapola a doença em si.

Arnaldo Niskier: Vamos ter que continuar usando máscara, manter o distanciamento. O curioso é que tem gente que não acredita em nada disso. Passamos pela praia no sábado, no domingo, está cheia de gente, de certa maneira se arriscando numa coisa completamente fora de sentido.

Margareth Dalcolmo: É a vida dos outros, porque quando usamos uma máscara não estamos só nos protegendo, estamos protegendo as pessoas que gostamos. A máscara é a barreira mecânica que protege a todos.

Arnaldo Niskier: É o que vocês técnicos, especialistas, médicos, cientistas chamam de protocolos. Temos que levar em conta, acima de tudo, o cumprimento desses protocolos.

Leitores tutelados

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Estamos vivendo um mundo surreal de notícias, às vezes falsas, que surgem a cada dia e vão minando a nossa resistência e capacidade de indignação, não sei se por causa da pandemia ou por nossa grande dificuldade de lidar com o inesperado.

A primeira notícia foi a insistência do governo em embrulhar, de acordo com convicções de pouca leitura e de fundamentalismo ultrapassado, a literatura infantil, transformando clássicos em histórias insípidas, com projeto pobre e usando recursos incríveis que deveriam ser aplicados na aquisição democrática de obras de qualidade existentes no mercado. A sugestão do retorno ao método fonético na alfabetização confirma que eles não sabem o que fazem, ou não querem saber.

A segunda notícia, que teve bastante repercussão, veio do ministro da Economia, que afirmou que os livros deveriam ser taxados em cerca de 12%, como auxílio à falta de recursos para outras áreas políticas. Para justificar a elitização dos livros, afirmou que os ricos poderiam comprar com os novos valores e aos pobres o governo forneceria obras gratuitas! Que obras? Quem selecionaria os títulos, os mesmos que adulteraram os clássicos infantis? Por que os pobres têm que ser tutelados e os políticos se considerarem guardiões da cultura, da leitura, do conhecimento? Os pobres querem ler, querem ter acesso aos livros, mas querem escolher o que leem! Isso é cidadania!

A aquisição de livros através do Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD precisa continuar com a escolha de títulos existentes no mercado, com autores importantes, com seleção cuidadosa por especialistas, como aconteceu até pouco tempo. Enriquecer os acervos das bibliotecas escolares e comunitárias é importante missão do governo, com escolha de títulos que reflitam a diversidade de gêneros, de ideias, de temas. Isso é atuar democraticamente! Didatizar os livros de literatura infantil, com exigências de formatos, conteúdos e a obrigatoriedade de manuais é interferir na liberdade de criação, na liberdade de interpretação para voos maiores. Lembro bem da professora mineira Maria Antonieta Cunha ao afirmar que a preocupação com temas transversais – conteúdos interdisciplinares nos textos de literatura infantil –, acabava por direcionar o olhar, e como consequência, perder outras importantes passagens que o texto poderia conter.

Tudo para pensar, e se incomodar, e reagir, e falar de forma indignada por essa tutelação. Somos leitores livres, fortes e independentes e queremos continuar a ser.

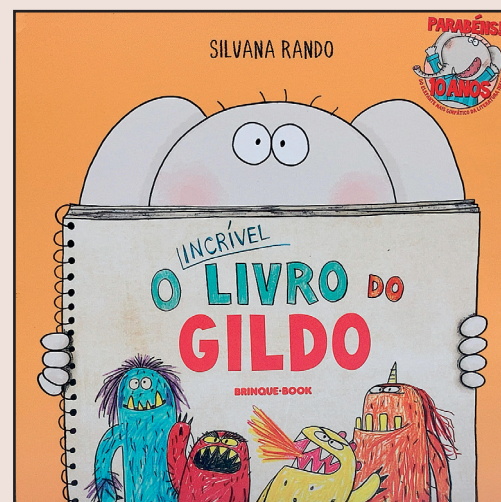


Felizmente, ainda acontecem coisas boas! Em meio a tantas notícias preocupantes, temos algumas comemorações: o aniversário de 30 anos da Editora Brinque-Book e os 10 anos do personagem Gildo, de Silvana Rando. A Brinque-Book/Escarlate agora une-se ao Grupo Companhia das Letras, o que garante a continuidade de seu trabalho cuidadoso na edição de livros para crianças.

Parabéns à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, que conseguiu realizar o 22º Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós e o 17º Encontro de escritores Indígenas, de 19 a 24 de outubro, reunindo escritores, ilustradores e especialistas em encontros virtuais. É importante comemorarmos, também, a divulgação dos títulos de livros premiados e todos os “Altamente Recomendável” da produção editorial de 2019!

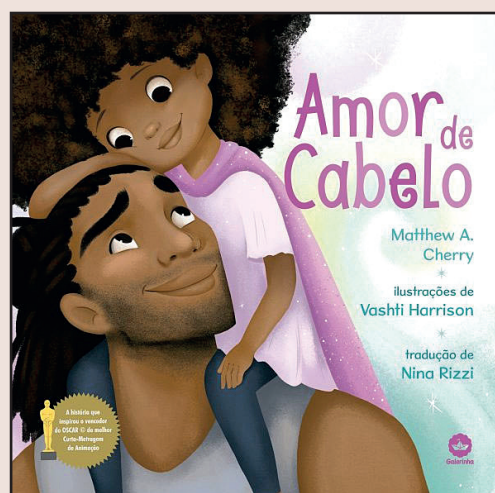
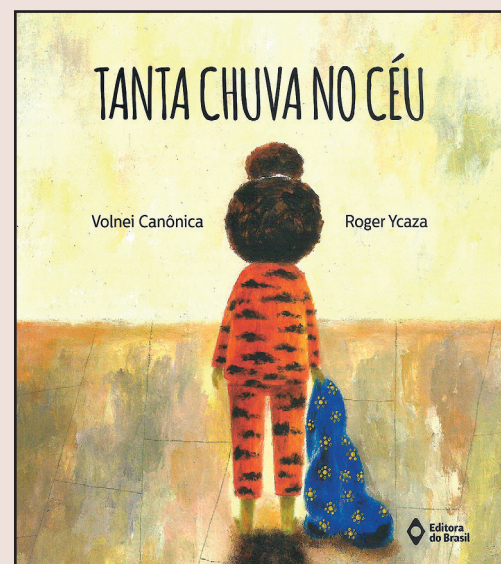
E vamos conhecer a nossa seleção de lançamentos:

O Incrível Livro do Gildo – Silvana Rando (Brinque-Book) – Para comemorar os dez anos do elefante mais simpático da literatura infantil, a autora apresenta as dificuldades que Gildo encontra para escrever seu primeiro livro. Claro que, com muitos palpites que chegam, o elefantinho acaba por se desviar da ideia original, mas consegue agradar a todos!



Onde a Palavra Nasce – Leo Cunha, ilustrações de Thais Linhares (Abacate) – Fui envolvida por esse livro de uma maneira incrível. Na internet, a voz do autor, repleta de emoção e afeto, conduz a história com pausas e a certeza de quem conhece sobre o que está falando. As ilustrações fazem com que você entre nas páginas, caminhe junto em cada etapa descrita, identifique todo o trabalho editorial que Leo transformou em poesia.

Tanta Chuva no Céu – Volnei Canônica, ilustrações de Roger Ycaza (Editora do Brasil) – O traço do equatoriano Roger Ycaza cria o ambiente sufocante onde a angústia se faz presente. Ali a história acontece, no meio da solidão da menina e na certeza da ausência dos pais. Lágrimas e chuva se misturam nessa catarata necessária da dor. Meu amigo Volnei sempre sobressai em suas atividades, Midas que transforma em arte o que toca. Dessa vez foi além e surgiu o escritor sensível, maduro e que transformou um tema áspero em delicada melodia. Parabéns!

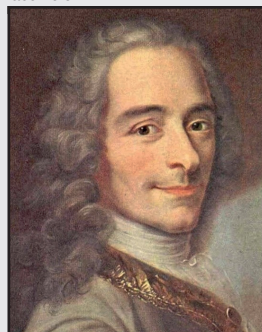


Amor de Cabelo – Matthew A. Cherry, ilustrações de Vashti Harrison, tradução de Nina Rizzi (Galerinha – Record) – História vencedora do Oscar de Melhor Curta-Metragem de Animação. Zuri diz que seus cabelos têm vida própria, se torcem, enrolam, viram e reviram... A menina gosta muito dos seus vários penteados afro. Mas, hoje é um dia especial e ela precisa de um penteado também especial. Com a mamãe ausente, o papai tem que improvisar e... Zuri fica linda!

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

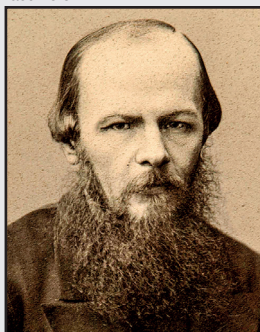


FRANÇOIS-MARIE AROUET

Mais conhecido pelo pseudônimo **Voltaire** (Paris, 21 de novembro de 1694 – Paris, 30 de maio de 1778), foi um escritor, ensaísta, deísta e filósofo iluminista francês. Estudou com os jesuítas no Colégio Louis-le-

Grand, onde revelou-se um aluno brilhante. Frequentou a *Société du Temple*, de libertinos e livres pensadores. Por causa de versos irreverentes contra os governantes, foi preso na Bastilha (1717-1718), onde iniciou a tragédia *Édipo* (1718) e o *Poema da Liga* (1723). Conhecido pela sua perspicácia e espirituosidade na defesa das liberdades civis, inclusive liberdade religiosa e livre comércio, suas obras e ideias influenciaram pensadores importantes tanto da Revolução Francesa quanto da Americana. Escritor prolífico, produziu cerca de 70 obras em quase todas as formas literárias, assinando peças de teatro, poemas, romances, ensaios, obras científicas e históricas, mais de 20 mil cartas e mais de 2 mil livros e panfletos. Defensor aberto da reforma social, apesar das rígidas leis de censura e severas punições para quem as quebrasse. Frequentemente usou suas obras para criticar a Igreja Católica e as instituições francesas do seu tempo. Voltaire é o patriarca de Ferney. Durante os três anos em que permaneceu exilado na Inglaterra, conheceu as ideias políticas de John Locke. Não seria exagero dizer que Voltaire foi o homem mais influente do século XVIII. Seus livros foram lidos por toda a Europa e vários monarcas pediam seus conselhos.

acervo JL



FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (Moscou/Moscovo, 11 de novembro de 1821 – São Petersburgo, 9 de fevereiro de 1881) foi um escritor, filósofo e jornalista do Império Russo. É considerado um dos maiores romancistas e pensadores da história, bem como um

dos maiores “psicólogos” que já existiram (na acepção mais ampla do termo, como investigadores da psiquê). Formou-se engenheiro, porém trabalhou como escritor, produzindo romances, novelas, contos, memórias, escritos jornalísticos e escritos críticos. Pela retratação filosófica e psicológica profunda e atemporal dessas questões, seus escritos são comumente chamados de romances filosóficos e romances psicológicos. Seu primeiro romance, *Gente Pobre*, foi elogiado pelo mais importante crítico literário russo do começo do século XIX, Vissarion Belinski. Apenas após seu retorno da prisão na Sibéria – Dostoiévski foi preso por tramar contra o Czar –, repetiria o escritor seu sucesso inicial com a semibiográfica obra *Recordações da Casa dos Mortos*, a qual trata dos anos que passou na prisão. Escreveu ainda *Crime e Castigo*, *O Idiota* e *Os Demônios*. Sua obra-prima é *Os Irmãos Karamazov*. Foi reconhecido como precursor dos seguintes movimentos: nietzscheanismo, psicanálise, expressionismo, surrealismo, teologia da crise e existencialismo. O reconhecimento popular também é imenso: mundialmente conhecido, possui diversas estátuas, selos e moedas em sua homenagem e até hoje celebra-se em São Petesburgo o “Dia de Dostoiévski”.

acervo JL



ANA MARTINS MARQUES

(Belo Horizonte, 07 de novembro de 1977) Poeta brasileira. Concluiu o mestrado em Literatura pela UFMG com uma dissertação sobre o romancista João Gilberto Noll. Iniciou sua carreira recebendo prêmios lite-

rários: seu primeiro livro, *A Vida Submarina*, reúne poemas vencedores do Prêmio Cidade de Belo Horizonte, em 2007 e 2008. Depois, com seu segundo livro, *Da Arte das Armadilhas*, foi vencedora do Prêmio Biblioteca Nacional de Literatura. De um lirismo único, a poesia de Ana Martins Marques reflete sobre a vida e os espaços. Trabalha como redatora e revisora na Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Seu primeiro livro foi *A Vida Submarina* (2009). Ganhou também o Prêmio Alphonsus de Guimaraens, pelo seu segundo livro, *Da Arte das Armadilhas* (2011). Sua poesia, segundo o crítico Murilo Marcondes, alia a elaboração formal a uma reflexão sobre a vida, promovendo um “estreitamento entre linguagem e experiência”. Obras publicadas: 2009 – *A Vida Submarina* (Scriptum); 2011 – *Da Arte das Armadilhas* (Companhia das Letras); 2015 – *O Livro das Semelhanças* (Companhia das Letras); 2016 – *Duas Janelas* – com Marcos Siscar (Luna Parque Edições); 2017 – *Como se Fosse a Casa (uma correspondência)* – com Eduardo Jorge (Relicário); 2017 – *This House: selected poems by Ana Martins Marques* – tradução de Elisa Wouk Almino (Scrambler Books); 2019 – *Livro dos Jardins* (Quelonio).

FAÇA COMO O SAFRA. INVISTA NO SAFRA.

VOCÊ PODE. Investimentos Safra.

Ter performance e segurança nos seus investimentos e receber uma excelente orientação financeira do mercado. No Safra, você pode.

Safra

Tradição Secular de Segurança

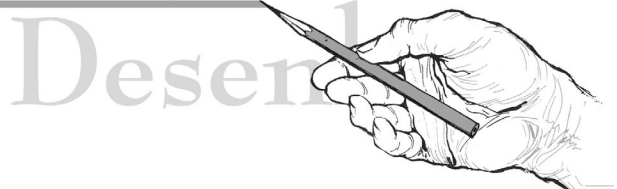
Fale com nossos gerentes ou ligue para 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados.

Central de Atendimento Safra: 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados. Atendimento aos portadores de necessidades especiais, auditivas e de fala / SAC – Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755, atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria – caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito(a): 0800 770 1236, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados.



Por Zé Roberto

arte Desenharte



zrgauna@hotmail.com

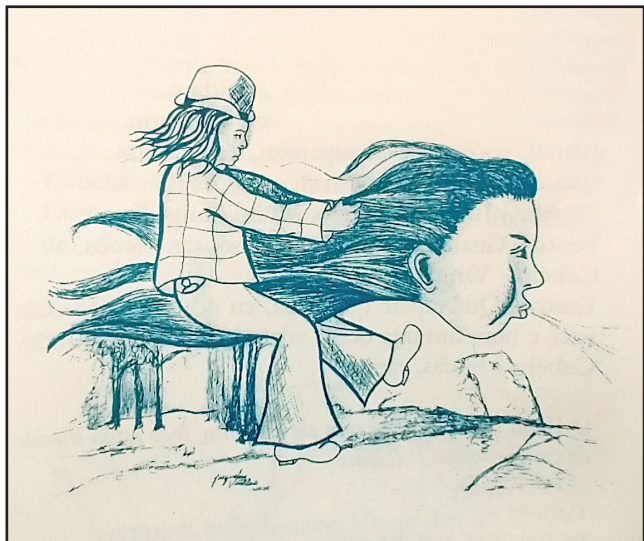
JACQUELINE VENTILARI

Nascida no Rio de Janeiro no dia 12 de maio de 1972, Jacqueline Ventilari é ilustradora, artista plástica e educadora. A artista é Bacharel em Pintura pela Escola de Belas Artes, UFRJ, formada em 2002. Em 2015, fez sua pós-graduação em Educação Infantil e Desenvolvimento, pela instituição de ensino A Vez do Mestre – UCAM. Em 2017, cursou Licenciatura em Artes Visuais pela UNOPAR.

Enquanto cursava Belas Artes na UFRJ, a artista passou pela galeria de artes do SESC da Tijuca, quando atuou como monitora durante as exposições. Depois, estagiou no MNBA – Museu Nacional de Belas Artes, na Seção de Desenho Brasileiro, sob a coordenação de Mônica Xexéo. Neste período, teve a oportunidade de trabalhar na manutenção, acondicionamento e registro das obras, atendimento de artistas, historiadores e pesquisadores, além de atuar na montagem e desmontagem das exposições.

Ainda durante o período da faculdade, Jacque foi agraciada com o 2º lugar no concurso Gesto de Arte pela Vida, promovido pela Escola de Belas Artes da UFRJ, GESTO – Grupo Especial de Suporte Terapêutico Oncológico e o INCA – Instituto Nacional do Câncer. O evento aconteceu em dezembro de 2000 e marcou a inauguração do centro cultural do INCA.

Como educadora, Jacqueline é agente de Educação Infantil no município do Rio de Janeiro, concursada em 2008. Em 2016, também após concurso público, passou a exercer o cargo de professora de Educação Infantil. Atualmente, a educado-

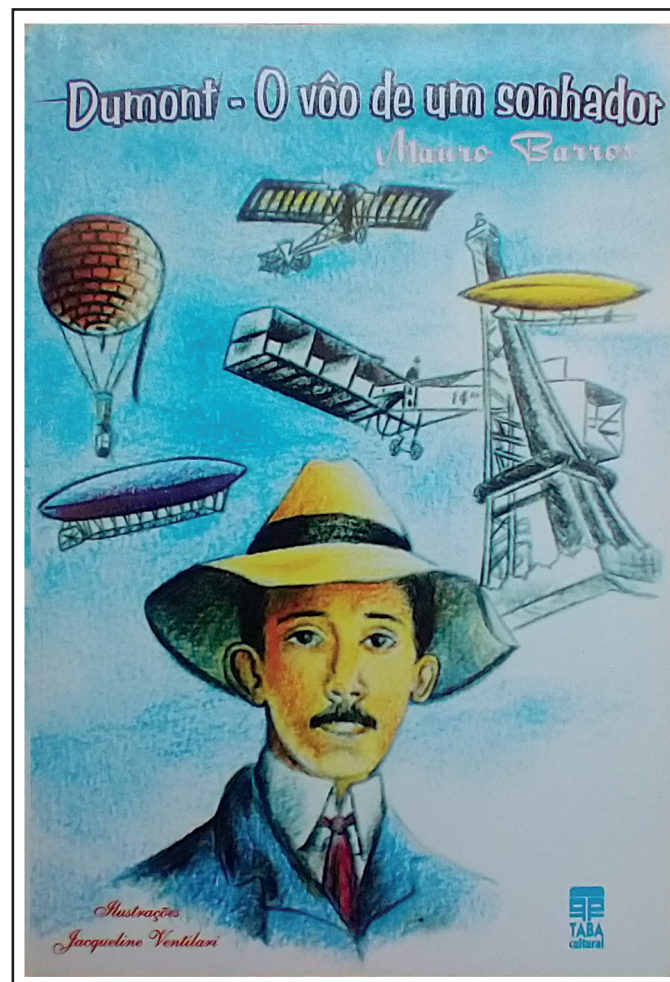


ra atua na pré-escola com diversas áreas arte-educativas, mesclando linguagens visuais, musicais, corporais e literárias junto ao público infantil.

Em abril de 1996, Jacqueline inaugurou sua primeira exposição individual de pinturas, intitulada Aves Brasileiras, mostra que aconteceu na antiga Biblioteca Celso Kelly (atual Biblioteca Parque), na Av. Presidente Vargas. Em 2001, ilustrou os livros *Dumont – o voo de um Sonhador*, de Mauro Barros; e *Irmã Natureza* (vide ilustrações), de José Maria Rodrigues, ambos lançados pela editora Taba Cultural. Em 2011, participou da exposição coletiva *Visões de Primavera*, na Casa do Minho, no Cosme Velho.

Jacqueline Ventilari participou da exposição *Ela por Elas – Leila Diniz nos traços das desenhistas brasileiras*, em 2013, na Sala de Cultura Leila Diniz, em Niterói.

Saúde e Arte!



Ao lado, capa do livro de Mauro Barros, *Dumont – o voo de um sonhador* com ilustrações de Jacque Ventilari. Abaixo, à direita, uma ilustração da obra *Irmã Natureza*, além de outros trabalhos da artista.



Tempos de inclemência

Por Henrique Dória*

Vivemos tempos de inclemência, tempos em que a angústia parece não deixar lugar à poesia. Quando a humanidade está ameaçada por uma pandemia que põe em guarda todos os homens, embora ceife muito mais os mais pobres, deveriam todos, sobretudo depois dos trabalhos de Levi Strauss e Margaret Mead, perceber que só há uma raça, a raça humana, e que somos todos pertença dessa raça triunfante sobre a terra, apesar das ameaças constantes que sobre ela lança a natureza.

Porém, aquilo a que assistimos é o ressurgir frequente do preconceito, da ignorância e do erro. Odiar, segregar, considerar inferior o outro apenas pela cor da pele é o exemplo da mais repugnante ignorância que, como uma pandemia, afeta ainda largos setores da humanidade em todas as nações.

Assassinar alguém porque tem a pele negra é duplamente criminoso, por aliar a malvadez à ignorância. Há duas sociedades em que esse duplo crime é repetitivo: a americana e a brasileira. Mas se na sociedade americana o crime faz nascer a revolta, a sociedade brasileira parece anestesiada e os crimes racistas que vão acontecendo diariamente não trazem para a rua multidões em protesto, como nos EUA. Talvez porque o Brasil sempre se considerou uma nação multirracial, onde os negros não eram segregados pelos brancos através da imposição de escolas diferentes, de transportes públicos diferentes, de espaços de convívio diferentes.

Porém, a segregação era (é) bem patente no nível de rendimentos, na escolaridade, na saúde, no preenchimento dos quadros da política,

da justiça e da economia. Em tudo isto, e muito mais, os negros são altamente desfavorecidos e segregados, embora, em número, constituírem cerca de 60% da sociedade. E, no entanto, as manifestações de protesto não atingem a força nem a frequência das que acontecem nos EUA, apesar da sociedade americana possibilitar uma ascensão social dos negros que a brasileira está longe de possibilitar.

Infelizmente, os negros e mestiços brasileiros não tiveram, até hoje, um líder que se parecesse sequer com Martin Luther King. O medo e a submissão são explicações para isso, aliadas à impunidade geral dos que cometem crimes contra negros ou mestiços. É tempo dessa maioria de brasileiros tomar o seu destino nas suas mãos. Se o não fizer, a injustiça e o crime continuarão a criar a desigualdade e a miséria, e, com elas, fazer do Brasil o país do futuro sempre adiado.

REESCREVENDO A HISTÓRIA

Entre as manifestações que têm acontecido por todo o mundo contra o racismo e a violência policial, vão surgindo atos de vandalismo sobre personagens históricas que manifestam a enorme ignorância de quem os praticam. No caso português, a vandalização da estátua do padre Antonio Vieira, em Lisboa, com o pretexto de que defendeu a escravidão dos negros, é a manifestação de um caso grave de ignorância, não só da personalidade ímpar que foi esse grande homem da cultura portuguesa e brasileira, como do contexto histórico em que viveu. Julgar os fatos e os homens do século XVII à luz do pensamento do século XXI é uma estultícia. Mas acusar Vieira de racismo é uma demonstração de lamentável ignorância, quando se sabe bem quanto ele combateu a escravatura dos indígenas e o tratamento cruel dos escravos negros. Nunca Vieira defendeu a escravatura. Defenderam-na Platão e Aristóteles, e não é por isso que vamos queimar as suas obras geniais.

Há atos que desacreditizam justas manifestações e revoltas. A vandalização da estátua de Antonio Vieira é um deles.

*O escritor e jornalista Henrique Dória é diretor da Revista *InComunidade* (Porto, Portugal).

Madame Lindimar Sorralheiro

Por Rogério Faria Tavares*

Agora já consigo recordar os fatos, cena a cena: por telefone, Alexandra Sampaio Gomes me disse que foi mesmo Madame Lindimar Sorralheiro quem previu o nascimento dos gêmeos, hoje com oito anos. Gilberto e Gilson são, de fato, lindos. Saudáveis, nasceram quando a mãe se aproximava dos quarenta, contrariando todos os médicos. Com a voz embargada, Alexandra lembrou o estado de total desânimo em que se encontrava quando foi ter com a adivinha. “Ela me olhou nos olhos, fixamente, sem pestanejar, e afirmou, com todas as letras: você ficará grávida em setembro, Alexandra. Um pouco antes da primavera.” Dito e feito. Da França, Glória Sanches Botelho reiterou, por e-mail, seu entusiasmo. Afinal, foi Madame a única que acertou, na mosca, o seu casamento com Ana Garrido Fuentes, espanhola de Barcelona, com quem minha antiga colega de faculdade vive há vários meses: “É uma alma catalã, Glória. Uma alma catalã.” Mário Antenor do Vale foi enfático: “Não passa um janeiro sem que eu a visite. Ela é quem me dá as direções para o ano. O que devo fazer e, sobretudo, o que preciso evitar.”

Naveguei na internet em busca de mais referências sobre o trabalho de Lindimar. Senti a necessidade de ler comentários de pessoas que não conheço. Busquei uma visão mais ampliada e diversa sobre a personagem, distinta da que levantei no meu círculo de relacionamentos. A maior parte foi de elogios. Encontrei quem criticasse o pagamento da

sessão apenas em dinheiro vivo ou a dificuldade da vidente em aceitar a impontualidade de alguns e a tagarelice de outros: “Ela não nos deixa falar muito. Chegou a me interromper duas vezes. Mandou que eu me calasse. Foi até ríspida.” Uma cliente assídua reagiu: “Lá não é terapia, meu amor. Madame Lindimar sabe o que faz. E precisa de silêncio, de concentração.”

Sim, foi depois de uma semana que finalmente resolvi solicitar um horário em sua agenda, mesmo sabendo que certamente seria preciso esperar um ou dois meses até ser atendido. As consultas sempre foram agendadas diretamente por ela, nas segundas-feiras, entre três da tarde e oito da noite. Fiz mais de uma dezena de ligações, todas frustradas pelo sinal de ocupado. A ponto de desistir, uma intuição inexplicável me fez tentar pela última vez o contato. O “alô” do outro lado foi grave. Apresentei-me. Lindimar me interrompeu: “Eu sei quem você é.” Estremeci, mas procurei disfarçar. “Por que hesitou tanto em ligar? Medo?” Desconversei. Ela não se distraiu: “Não precisa ter medo. O problema aqui é outro. Acho que você não vai gostar de ouvir o que tenho a lhe dizer.” Tentei simular uma naturalidade impossível: “Será mesmo? Sou muito aberto a esse tipo de experiência.” “Você acha que é, mas não é.” Exasperado, não resisti: “A senhora nem me conhece ainda. Como pode falar assim?” “Posso vê-lo na minha frente, rapaz. Por fora e por dentro.” Rendido, aquiesci: “Vou arriscar, Madame Lindimar. Mesmo sabendo que posso não gostar do que tem a me dizer, quero ouvir. Topo a parada.” “Está bem, rapaz. Sua data é 2 de dezembro. Se tiver ouvidos, peço que me escute: não venha dirigindo. Providencie um táxi, um uber. Você sairá de minha casa bastante abalado.”

Como o leitor já deve ter compreendido, foi Madame Lindimar, sim, quem previu o acidente. Deixei a consulta atordoado. Desobediente, entrei no carro e dei a partida, ainda confuso. Só não sabia era que sua profecia se cumpriria tão rápido.

*Rogério Faria Tavares é presidente da Academia Mineira de Letras.

O escritor que não consegui entrevistar

Por Danilo Gomes*

Acabo de reler um livro sobre Porto Seguro, o paradisíaco rincão da Bahia, onde, em 1500, aportou o almirante Pedro Álvares Cabral com sua frota de 13 embarcações, uma das quais (provavelmente a Santa Cruz) comandada por um tal Aires Gomes da Silva, que morreu num naufrágio, na viagem de regresso a Lisboa.

Refiro-me ao volume, de elegante capa dura, intitulado *Porto Seguro*, com reproduções de quadros a óleo e gravuras do grande pintor Sérgio Telles, também diplomata, embaixador aposentado, *globe-trotter*, nascido no Rio de Janeiro em 1936 e há anos morando na cidade de São Paulo.

O livro traz textos do próprio Sérgio Telles, de sua senhora, Vera Telles (também carioca e diplomata, tradutora e pesquisadora de temas históricos), de Jorge Amado, de Gaston Diehl (crítico de arte francês), de Josué Montello e de Luís Vianna Filho (sic).

Aqui quero chegar ao assunto nuclear deste artigo.

Em 1979, quatro anos depois de minha chegada a Brasília, publiquei o livro *Escritores Brasileiros ao Vivo*, pela Editora Comunicação/MEC-INL, volume 1. Em 1980, saiu o volume 2, pelo mesmo selo editorial, com apresentação de Ary Quintella e prefácio de Wilson Castelo Branco.

Esses dois volumes contêm 67 entrevistas com escritores moradores de Brasília ou que aqui moraram ou por aqui estiveram de passagem. Foram publicadas antes no Suplemento Literário do jornal Minas Gerais (SLMG), fundado por Murilo Rubião e então dirigido por Wilson Castelo Branco.

Dentre os entrevistados, menciono apenas os que já partiram deste mundo: Altimar Pimentel, Ary Quintella, Vianna Moog, Cassiano Nunes, Carlos Castelo Branco (o Castelinho), Domingos Carvalho da Silva, Almeida Fischer, Joanyr de Oliveira, Samuel Rawet, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Mendes Vianna, Herberto Sales, Antonio Carlos Villaça, Josué Montello, Adonias Filho, Alphonsus de Guimaraens Filho, Anderson de Araújo Horta e Maria Braga Horta, Curt Meyer-Clason (tradutor de Guimarães Rosa para o alemão), Cyro dos Anjos, Edson Nery da Fonseca, Guilherme Figueiredo, H. Dobal (Hindemburgo Dobal Teixeira), Jorge Amado, José Geraldo Pires de Melo, Aluizio Valle, José Santiago Naud, Nilto Maciel, Paulo Rónai, Olga Savary, Yolanda Jordão, Altino Caixeta de Castro, Octávio de Faria.

Tentei, algumas vezes, entrevistar Luís Viana Filho, escritor, biógrafo, político, historiador, memorialista, acadêmico. Creio que lhe dirigi carta, como de costume. Conversei com ele algumas vezes, uma delas na presença do então presidente José Sarney, de quem era muito amigo. Tudo em vão. Não consegui a concordância dele para uma entrevista futura. Era um homem com tempo escasso e cronometrado, um político realmente muito importante. Acostumado ao relacionamento com jornalistas políticos de expressão, como Carlos Castelo Branco (o famoso Castelinho), Sebastião Nery, Augusto Nunes, Leonardo Mota Neto, Pedro Rogério Moreira, Oliveira Bastos, Paulo Cotta, Rubem Azevedo Lima, Silvestre Gorgulho, Luiz Gutemberg e outros, ele por certo não queria perder o precioso tempo com um jovem repórter desconhecido de sua alta roda. Até entendo. Respeito sua biografia e sua bagagem literária. Continuo seu admirador e leitor. Mas eu realmente gostaria de ter feito aquela entrevista, ainda que por escrito. Mas a vida continuou, con-

tinua. E o que não aconteceu virou assunto deste artigo de reminiscências brasilienses.

No livro *Porto Seguro*, sobre Sérgio Telles, o magnífico pintor, leio os dados biográficos de um dos autores, Luís Viana Filho. Nestes termos: “Luís Vianna Filho é baiano e nascido em Paris; político, jurista, escritor, é professor catedrático de História do Brasil e Direito Internacional Público, e senador pela Bahia, Estado do qual foi governador. Deputado federal, ex-ministro de Estado da Justiça, chefe do Gabinete Civil, presidente do Senado, o mais importante memorialista brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, das Academias portuguesas de Cultura, Ciências e História. Condecorado no Brasil e em diversos países estrangeiros, Luís Vianna Filho tem cerca de trinta obras publicadas, entre as quais *A Vida de Rui Barbosa*, *A Vida do Barão do Rio Branco*, *A Vida de José de Alencar*, *A Vida de Eça de Queiroz*, *Três Estadistas: Rui, Nabuco, Rio Branco*, *A Vida de Joaquim Nabuco*.”

Luís Viana Filho, que hoje dá nome à Biblioteca do Senado Federal, nasceu, como foi dito, em Paris, em 28 de março de 1908. Diplomou-se em Direito na Bahia. Foi jornalista, jurista, político, professor universitário. Ministro-chefe da Casa Civil do presidente Humberto de Alencar Castelo Branco. Governador do Estado da Bahia. Presidente do Senado Federal. Membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Letras da Bahia, da Academia Brasileira de Letras e de outras instituições, já mencionadas. Além das já citadas, publicou também as seguintes obras: *A Língua do Brasil*, *A Sabinada*, *A Verdade na Biografia*, *O Negro no Brasil*, *Afrânio Peixoto*, *O Último Ano de Rui na Bahia* e *A Vida de Machado de Assis e Castelo Branco: testemunhos de uma época*. Faleceu em 5 junho de 1990.

Biógrafo seguro e minucioso, Luís Viana Filho deixou vasta e valiosa bibliografia e merece todo o respeito do mundo cultural de língua portuguesa. Uma vida honrada e admirável, acima das paixões políticas e das preferências ideológicas.

Não tive a honra de incluí-lo entre meus entrevistados, embora tenha tentado algumas vezes, até em curtos diálogos com ele. Não me lembro se pedi o adjutório do nosso comum amigo Almeida Fischer. De qualquer maneira, não atingi meu objetivo.

Nosso autor consta, em bem informativo verbete, do sempre útil e apreciado *Dicionário de Escritores de Brasília*, de Napoleão Valadares, já correndo para a 4ª edição.

Na Academia Brasileira de Letras, Luís Viana Filho ocupou a cadeira nº XXII. Seu sucessor imediato foi Ivo Pitanguy. A cadeira é agora ocupada pelo grande romancista João Almino, atual embaixador do Brasil no Equador.

Na Academia Brasileira de Letras, Luís Viana Filho ocupou a cadeira XXIX, de que é patrono o contista goiano Hugo de Carvalho Ramos. O atual titular da cadeira é o escritor, também goiano, Alaor Barbosa.

Para rematar estas notas de um velho repórter, aqui vai um trecho do notável livro *Paisagens Portuguesas – uma viagem literária*, de Luís Forjaz Trigueiros (1915-2000), uma edição da Nova Fronteira, 1985: “Não fui nesse passeio coletivo a Tormes e, portanto, apenas o imagino. E não fui, porque por acaso na semana seguinte ali teria de ir, compromisso de há muito tomado com o meu amigo Luís Viana Filho e que não podia antecipar. Recebi, porém, os ecos imediatos ou quase dessa iniciativa e, sobretudo, pude ver Tormes pela primeira vez, porque, afinal, também eu nunca lá tinha ido.”

Assim, os dois amigos e xarás, profundos conhecedores da obra de Eça de Queiroz, subiram juntos a Serra de Tormes, onde se situava a Quinta de Santa Cruz do Douro (que Eça de Queiroz crismou de Quinta de Tormes), inspiração para o esplêndido romance que é *A Cidade e as Serras*, onde o romancista diplomata escreveu: “... serra tão acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bendita entre as serras...”

Brasília, 23/09/2020.

*Danilo Gomes é da Academia Mineira de Letras.



#AFavorDoBrasil

Visite nosso site
e saiba mais

CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

Irmã Cleusa, educadora e mártir

Por Renata Bomfim*

A história de vida – e de morte – da irmã Cleusa Carolina Rody Coelho (1933-1985) trouxe-me à memória a proposição de Walter Benjamin de que “cada época ao sonhar a seguinte, força-a a despertar”. Benjamin não sobreviveu ao tempo sombrio do nazismo, assim como irmã Cleusa Carolina, professora capixaba que optou pela vida religiosa, sucumbiu lutando pelos valores nos quais acreditava. O pensamento de Benjamin é um alerta sobre o perigo do esquecimento e a importância de se trazer à luz a memória dos oprimidos, pois apenas assim poderá ser criada uma barreira contra a barbárie.

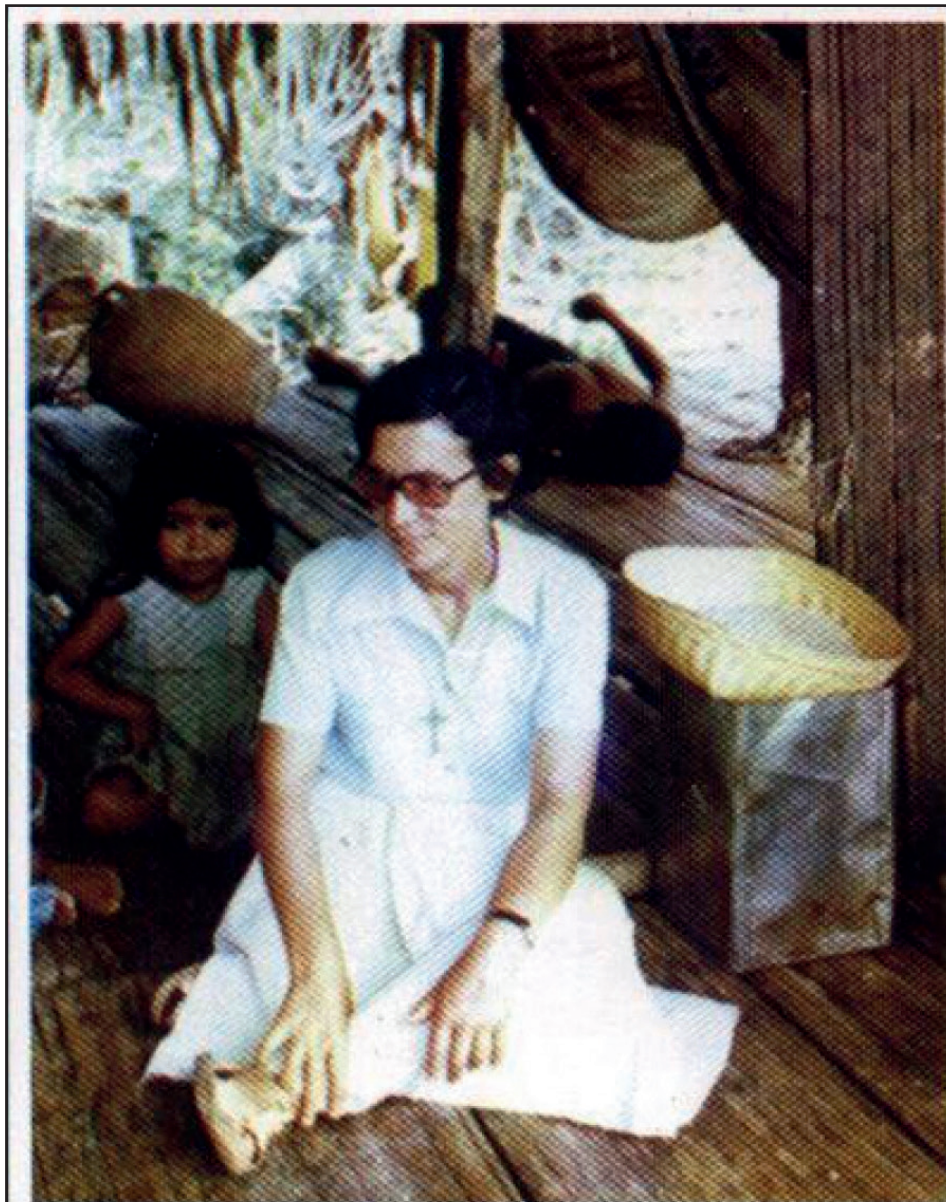
Irmã Cleusa Carolina pediu dispensa do trabalho que realizava e, sem remuneração, mas determinada, foi viver entre os índios Apurinã, na Amazônia. Na sua última transferência para a cidade de Lábrea, em 1982, a freira capixaba uniu forças com aqueles que ela considerava serem os mais vulneráveis da sociedade, “os mais pobres e marginalizados”, apoiando as comunidades na luta pela demarcação, em um momento no qual os latifundiários invadiam e ocupavam as terras indígenas, muitas vezes com a conivência de autoridades locais. Representante do Conselho Missionário Indigenista, irmã Cleusa Carolina era professora de formação e a sua trajetória como missionária sempre esteve ligada à educação.

A história de vida dessa freira que dedicou 32 anos ao serviço missionário começa em Cachoeiro de Itapemirim, ES, no dia 12 de novembro de 1933. Aluna brilhante, ao final do curso de magistério, recebeu do Governo do Estado do Espírito Santo o prêmio de escolher em qual escola lecionaria, foi nesse momento que optou pela vida religiosa. Em 1952, na Comunidade de Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, Cleusa Carolina adotou o hábito e tornou-se *Sór Maria Ângelis*.

Em 1954, quando foi enviada pela primeira vez para as Missões de Lábrea, iniciou a criação do Educandário Santa Rita, destinado às crianças carentes da cidade, onde trabalhou como professora primária. No ano de 1958, de volta ao ES, em Colatina, emitiu votos perpétuos de pobreza, obediência e castidade. Mais tarde, irmã Cleusa Carolina decidiu não vestir mais o hábito religioso, usando apenas roupas simples recebidas como doação, ato motivado pelo desejo de diminuir diferenças e distâncias entre ela e as pessoas que atendia no trabalho fraternal.

Irmã Cleusa Carolina abraçou a sua vocação como educadora e, no período que passou em Vitória, que se estendeu até 1973, dirigiu o Colégio Agostiniano e obteve Licenciatura Plena em Letras Anglo-germânicas, na UFES, dedicando-se, também, à formação de lideranças para criar Comunidades Eclesiais de Base. Foi nessa época que irmã Cleusa Carolina voltou a adotar o nome de batismo. O trabalho missionário estendeu-se dos centros educacionais para presídios, lares de pessoas doentes e leprosário. No período que esteve em Manaus, a freira ia para as praças ao encontro dos meninos de ruas, levando para a sua casa alguns deles que corriam perigo de vida, passando assim a ser mal vista pela polícia, acusada de ser conivente com a desordem e protetora de infratores e marginais. O compromisso para com a justiça pode ser observado no trecho de uma carta enviada à outra freira, irmã Lourdes, em maio de 1978, que diz: “Temos que construir fraternidade, é necessário, mas a justiça tem que estar na base de toda a convivência humana.” Foi assim, colocando a justiça como um pilar da fraternidade que irmã Cleusa Carolina cumpriu a sua missão como integrante da irmandade das Missionárias Agostinianas Recoletas. Irmã Cleusa manifestou, em carta, o desejo de desenvolver um trabalho de alfabetização para adultos com os povos ribeirinhos, a “pastoral das curvas”, dos Purus, preocupando-se, também, com “os irmãos espalhados pelas estradas”.

A participação ativa na causa indigenista fez com que a freira se



A SERVA DE DEUS

Ir. Cleusa Carolina Rody Coelho



tornasse querida entre os índios, mas, por outro lado, incomodou aqueles que os perseguiram. Irmã Cleusa Carolina foi assassinada no dia 26 de abril de 1985, o seu corpo foi encontrado dois dias depois, nu e escalpelado, com mais de cinquenta chumbos de arma de caça na cabeça e no tórax, várias costelas quebradas, braço direito decepado e a sua mão direita nunca foi encontrada. Os ossos do braço direito da irmã Cleusa Carolina estão depositados na Catedral Metropolitana de Vitória, e tramita, hoje, no Vaticano, um processo para a sua beatificação.

O martírio da religiosa capixaba faz parte da história de violência que abrange os conflitos que envolvem terras indígenas e extrativismo e que ainda vitima muitos indígenas. Irmã Cleusa Carolina foi um exemplo de amor ao próximo e à educação, e foi honrando esse legado e buscando que a sua memória não caia no esquecimento que a Academia Feminina Espírito-santense de Letras (AFESL) tornou-a Patrona da cadeira de número 24, ocupada hoje pela escritora Beatriz Monjardim F. Santos Rabello.

*Renata Bomfim é presidente da Academia Feminina Espírito-santense de Letras.

Dois poemas para novembro – Mês de Finados

Por Ester Vieira*

Que doloroso é o tempo!

Encontro por toda parte
palavras e imagens perdidas:
no leito que me acolhe
nas flores que cultivo,
no lidar cotidiano,
nos pássaros que sobrevoam e nos que nadam,
nas horas que circulo navegando
entre os dominadores da vida,
margeando o vivo mar espumante.

Em toda parte há um ensinamento
e uma carícia perdida...
Mas onde está o perfume do calor de suas mãos?
Por que tudo se esvai nos caminhos deste naufrago desamparado
sob um céu tormentoso?
E... nada na minha vida se interrompe,
enquanto esse sal, que amargo se derrama,
cobre-me, encharca-me e enlameia-me
na dúvida de desconhecer se o amor foi excluído.

O que é a vida?

Um percorrer insano:
duplicidade de
palavras
silêncios
sonhos
realizações
carícias
amor.

O que é a morte?

univocidade de
pensar
sofrer
lembrar
esquecer
amar.

*Ester Abreu Vieira de Oliveira é presidente da
Academia de Letras do Espírito Santo.

Toda teoria
tem um Lado
PRÁTICO.
ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você
aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

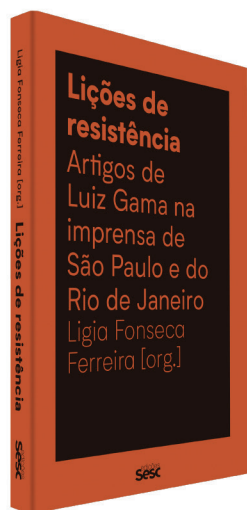
INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



CONSCIÊNCIA E IGUALDADE

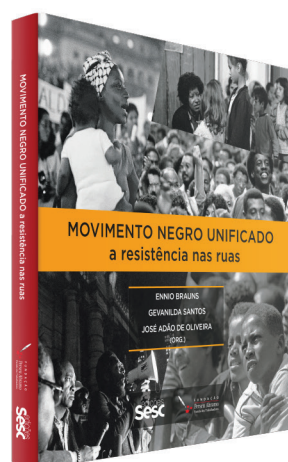


LIÇÕES DE RESISTÊNCIA

artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro

Ligia Fonseca Ferreira (org.)

Publicados entre as décadas de 1860 e 1880, textos de Luiz Gama – negro, ex-escravo e autodidata – relatam a história de pessoas que permaneceram sob o regime de escravidão, mesmo após a Lei do Ventre Livre, de 1831.



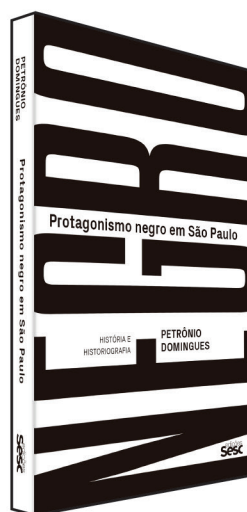
MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO

a resistência nas ruas

Ennio Brauns, Gevanilda Santos, José Adão de Oliveira (org.)

Edições Sesc São Paulo | Fundação Perseu Abramo

Por meio de um farto acervo iconográfico e documental, livro celebra os mais de 40 anos do Movimento Negro Unificado.



PROTAGONISMO NEGRO EM SÃO PAULO

história e historiografia

Petrônio Domingues

Agenciamentos sociais, práticas culturais e relações de gênero, entre outros fatos, são analisados para apresentar um panorama do período pós-abolição, quando as relações hierárquicas entre senhores e escravos deixa de existir.



FRECHAL, QUILOMBO PIONEIRO NO BRASIL

da escravidão ao reconhecimento de uma comunidade afrodescendente

Christine Leidgens

A partir de textos e imagens, fotógrafa belga reúne a experiência de seis anos vividos na comunidade negra de Frechal, no Maranhão, e traça um panorama histórico desde a abolição até 1992.